



**ORGANIZAÇÃO
INTERNACIONAL
DO CAFÉ**

ED 2428/22

1 dezembro 2022
Original: inglês

P

**Relatório sobre o Desenvolvimento do
Café de 2021 da OIC: visão geral**

Antecedentes

A Diretora Executiva tem o prazer de encaminhar aos Membros da OIC esta "visão geral" do Relatório sobre o Desenvolvimento do Café (RDC) de 2021, o terceiro número da principal publicação econômica da Organização: "O futuro do café: Investir na juventude para garantir um setor cafeeiro resiliente e sustentável".



O Futuro do Café

Investir na juventude para garantir um setor cafeeiro resiliente e sustentável

2021

RELATÓRIO SOBRE O
DESENVOLVIMENTO
DO CAFÉ

Este terceiro número do Relatório sobre o Desenvolvimento do Café da OIC foi produzido com apoio do Ministério Federal da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento da Alemanha, através da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH.

APOIADO PELO



IMPLEMENTADO PELA



ÍNDICE

Agradecimentos.....	3
Abreviaturas.....	4
Prefácio.....	5
0.1 Objetivo e estrutura do Relatório	8
0.2 Principais constatações	9
0.3 Oportunidades para os jovens no setor cafeeiro: melhores práticas	21
0.4 Principais áreas de ação para rentabilizar a Próxima Geração do Café e alcançar sustentabilidade	24
Bibliografia.....	27

AGRADECIMENTOS

O Relatório sobre o Desenvolvimento do Café (RDC) de 2021 foi preparado pela OIC sob a liderança de seu Diretor Executivo, José Sette, e a orientação geral de Gerardo Pataconi, Chefe de Operações, responsável pela conceptualização do RDC e a supervisão de seu preparo, finalização, edição e publicação. Denis Seudieu, Economista-Chefe da OIC, coordenou o trabalho dos contribuintes externos.

O RDC baseia-se em extensa pesquisa realizada por especialistas da Michigan State University (MSU) sob a direção do Dr. Felix Kwame Yeboah, assistido pelo Dr. Leonidas Murembya e a Dr.^a Deepa Thiagarajan. Outros colaboradores da MSU foram David DeYoung, especialista acadêmico, e Mariana Sow, estudante de terceiro ano de doutorado. Esses especialistas da MSU elaboraram a Parte II do RDC. A pesquisa foi cofinanciada pela OIC e o Ministério Federal da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento (BMZ) da Alemanha, através da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ), GmbH, aos quais a OIC externa seus sinceros agradecimentos e apreço.

Importantes contribuições também foram feitas por membros da Força-Tarefa Público-Privada do Café (FTPPC). Eles participaram ativamente do processo de pesquisa, compartilhando suas experiências no trato com a questão atual do envolvimento da juventude na cadeia global de valor do café (CGV-C). Em termos específicos, o RDC se beneficiou dos aportes e comentários de Matteo Landi e da equipe da Allmende, bem como do apoio de pesquisa de Rafael Paz, Bin Wen, Art Ma e Chloe Majzel. Um obrigado especial também é dirigido a Elizabeth Price e a Saano Murembya, cujo trabalho voluntário impulsionou o início da análise. A OIC expressa, ainda, seus mais profundos agradecimentos aos numerosos participantes do setor cafeeiro e jovens "cafempreendedores" que se deram ao trabalho de conosco compartilhar suas ideias, incluindo os que gentilmente participaram de duas sondagens ad hoc conduzidas on-line pela OIC/Allmende e a equipe da MSU.

A equipe da OIC também reconhece as valiosas contribuições de seus funcionários Dock No, Coordenador de Estatística, e Alexander Rocos, Consultor de Estatística, que prepararam a Parte III, seção D; Veronica Ottelli, Oficial de Secretaria e Relações Externas, e Nina Clarke, Coordenadora de Tradução e Documentos, pela revisão de provas, editoria e harmonização do Relatório e pela coordenação de sua publicação; e Aaron Calzadilla-Sarmiento, estagiário na OIC. Aportes valiosos também foram recebidos da equipe da Iniciativa das Cadeias Produtivas Agrícolas Sustentáveis (INA) da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH e de Wolfgang Weinmann, Coordenador da Força-Tarefa Público-Privada do Café da OIC, comissionado pela GIZ.

A equipe da OIC reconhece ainda os esforços da editora e empresa de design "Ladybird", e especialmente de Soha Atallah e Roni Mounzer, pela concepção gráfica, leiaute geral, editoração, revisão e preparo de todas as ilustrações, incluindo a capa e contracapa do Relatório.

Uma lista dos que aquiesceram em ser entrevistados pela equipe da MSU é apresentada no Anexo 2, e pedimos desculpas a quaisquer pessoas ou organizações

inadvertidamente omitidas dessa lista. Externamos nossa gratidão a todos que contribuíram para o preparo deste Relatório, incluindo aqueles cujos nomes podem não aparecer aqui, e a todas as famílias e amigos que nos apoiaram nesta iniciativa.

Além disso, a equipe da OIC reconhece que, como seu acesso a empregos qualificados é pequeno, os jovens enfrentam muitos obstáculos quando procuram ganhar a vida. Apesar de exigir trabalho árduo, a agricultura proporciona uma vasta gama de oportunidades de carreira para os jovens, que, espera-se, serão a força propulsora da transformação positiva do setor cafeeiro. Essa expectativa e crença na capacidade da juventude dos países produtores de café (PPCs) e dos envolvidos em todos os segmentos de sua cadeia produtiva, incluindo baristas e consumidores, inspiraram e motivaram o preparo deste Relatório. Um engajamento real com a Próxima Geração do setor cafeeiro, dando-lhe instrumentos e recursos, afinal, não é apenas um propósito, mas uma necessidade.



ABREVIATURAS

APEs	Anos Previstos de Escolaridade	IDH	IDH Iniciativa de Comércio Sustentável
ASS	África Subsaariana	IFIs	Instituições internacionais de financiamento públicas e privadas
AtCoF	Índice de atratividade do café	JECCA	Programa dos Jovens Empreendedores do Café & do Cacau
BMZ	Ministério Federal da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento da Alemanha	KUL	Kawacom Uganda Limited
BPA	Boas Práticas Agrícolas	LSMS	Estudo de Medição da Qualidade de Vida
CAISTAB	Caixa de Estabilização e Equalização do Café do Gabão	MAE	Média de Anos de Escolaridade
CAU	Comissão da União Africana	MIJARC	Movimento Internacional da Juventude Católica Agrícola e Rural
CGIAR	Grupo Consultivo sobre Pesquisa Agrícola Internacional	MSU	Michigan State University
CGV-C	Cadeia Global de Valor do Café	NEET	Não em emprego, educação ou treinamento
CIC	Corporação da Indústria do Café	ODSs ONU	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas
CICC	Conselho Interprofissional do Cacau e do Café	OIC	Organização Internacional do Café
CONACAFÉ	Conselho Nacional do Café de Honduras	OIT	Organização Internacional do Trabalho
DIC	Dia Internacional do Café	ONG	Organização Não Governamental
ECOM	Ecom Agroindustrial Corporation	ONU	Organização das Nações Unidas
ETV	Educação e Treinamento Vocacional	OSC	Organização da Sociedade Civil
EU	União Europeia	P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação	PIB	Produto Interno Bruto
FMA	Fórum Mundial da Alimentação	PMEs	Pequenas e Médias Empresas
FMI	Fundo Monetário Internacional	PPC	País produtor de café
FNC	Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia	RDC	Relatório sobre o Desenvolvimento do Café
FTPPC	Força-Tarefa Público-Privada do Café	SPEI	Índice Padronizado de Precipitação-Evapotranspiração
GIZ	Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH	TCI	Tecnologia da Informação e Comunicação
HIVOS	Instituto Humanista de Cooperação para o Desenvolvimento	TKL	Tutunze Kahawa Limited
HRNS	Fundação Hanns R. Neumann (HNRS)	TVET	Educação e Treinamento Técnico e Vocacional
APEs	Anos Previstos de Escolaridade	UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

PREFÁCIO



Quando assumi meu mandato na Organização Internacional do Café (OIC) em maio de 2022, encontrei já quase pronta a redação do Relatório sobre o Desenvolvimento do Café de 2021. O RDC era o resultado do trabalho árduo e da dedicação de toda a equipe da OIC, sob a competente liderança do ex-Diretor Executivo.

Venho de uma família de produtores de café; por isso sei que promover a participação dos jovens no setor cafeeiro não é apenas uma aspiração ou estratégia, mas uma necessidade imperiosa. Tenho, portanto, confiança em que este notável RDC irá inspirar e incentivar investimentos na Próxima Geração do Café e, com isso, envolver mais jovens homens e mulheres na CGV-C, onde veremos a atuação de todos—dos cafeicultores aos baristas—como agentes de mudança e como empreendedores e trabalhadores responsáveis. Precisamos reforçar o vigoroso empenho das jovens e dos jovens em relação à sustentabilidade, como consumidores responsáveis de café de amanhã.

Vanúcia Nogueira
Diretora Executiva, OIC
Maio de 2022 - presente





O setor cafeeiro mundial, como os de muitas commodities produzidas nos países em desenvolvimento, enfrenta um longo rol de desafios, que vão desde preços voláteis, custos de produção cada vez mais altos e redução da terra e mão de obra disponíveis até a necessidade de melhorar as condições sociais dos pequenos agricultores, a mutação dos padrões meteorológicos globais e a escassez de recursos ambientais como a água. No momento em que a economia global apenas começa a se recuperar da pandemia da covid-19, que afetou severamente os produtores do mundo todo e agravou suas condições de vida já precárias, a presença de outro desafio que provavelmente afetará o futuro do setor cafeeiro se manifesta.

Trata-se do envelhecimento da força de trabalho na cadeia de valor do café nos PPCs, que constitui uma ameaça adicional e um fator de estresse, pondo em risco o futuro e a sustentabilidade do setor cafeeiro no mundo todo e, com isso, passando a nos preocupar agudamente com os meios de atrair e reter os jovens no setor. Em 2020 e 2021 a OIC, assim, concentrou seus esforços e seus limitados recursos financeiros e humanos no tema da juventude ao organizar o Dia Internacional do Café (DIC) e os eventos alusivos ao café realizados no G20/Y20 e no Fórum Mundial da FAO. Esses esforços atraíram atenção e puseram em relevo a importância do café como força propulsora do desenvolvimento social e econômico, dando particular ênfase à importância do papel dos jovens. Em termos gerais, os jovens – homens e mulheres – são recursos especialmente importantes para todo país que luta para apoiar o desenvolvimento agrícola.

As fraquezas e estressores estruturais do setor cafeeiro (analisados nas edições de 2019 e 2020 de nosso RDC) ameaçam sua resiliência e seu futuro em termos de qualidade, quantidade e diversificação de origens. Esses fatores põem em perigo a capacidade do setor de proporcionar aos cafeicultores e trabalhadores uma renda confiável e consistente para viver. Cabe à OIC, entre suas funções, identificar questões prioritárias e preocupações e oportunidades que afetam a economia do café; conscientizar todas as partes interessadas, entre as quais os decisores; e orientar quanto ao que fazer em resposta. O futuro do setor cafeeiro depende de um processo coerente de modernização e da participação efetiva da juventude. As oportunidades criadas pelo envolvimento dos jovens em toda a cadeia global de valor do café são imensas: elas não devem ser subestimadas e exigem especial atenção e financiamento. Creio que os jovens e as jovens podem se tornar agentes de mudança, que veem sustentabilidade como parte de um conjunto de valores não negociáveis. Engajando-os no setor cafeeiro, “sustentabilidade”, “resiliência” e “inclusão” já não serão meras palavras, mas se transformarão em ações concretas.

Nesse contexto, tenho a satisfação de apresentar esta terceira edição do RDC, que explora os potenciais benefícios da participação dos jovens na CGV-C e analisa as causas que estão na raiz de seu interesse reduzido pelo setor. O título desta terceira edição do RDC, “O futuro do café: Investir na juventude para garantir um setor cafeeiro resiliente e sustentável”, dá uma indicação clara de seu tema e, com base em experiências atuais e em estudos de caso sobre o envolvimento dos jovens na agricultura em geral e em café em particular, apresenta recomendações para atrair os jovens ao setor. Esta publicação reúne diversos trabalhos de pesquisa da MSU que, fundamentados em evidência, exploram as implicações para os jovens de seu envolvimento na CGV-C e fazem recomendações circunstanciadas para o confronto de desafios a formuladores de políticas, agências internacionais de desenvolvimento, organizações não governamentais (NGOs) e instituições bilaterais e multilaterais

de desenvolvimento. Como os leitores verão no Relatório, um tema central é a importância crítica que um setor próspero e sustentável tem para a garantia de meios de vida para jovens homens e mulheres nos PPCs, considerando, por outro lado, que um setor cafeeiro sustentável e resiliente precisa do engajamento decidido dos jovens: a Próxima Geração do Café.

Desejo render homenagem aos especialistas da MSU por suas valiosas contribuições ao trabalho da OIC. Este é um exemplo concreto da nova visão da Organização, que procura fortalecer as colaborações com universidades e instituições de pesquisa para se beneficiar de suas especializações em áreas ligadas ao setor cafeeiro e campos afins.

Pautando-nos por essas recomendações e trabalhando em regime de colaboração, não só ajudaremos a tornar realidade o futuro do setor cafeeiro a que todos aspiramos, mas também lançaremos os alicerces de uma prosperidade para as gerações presentes e futuras. É vital envolver os jovens em todos os aspectos da CGV-C, não só para garantir um fornecimento regular de café à indústria no futuro, mas, o que é mais importante, criar oportunidades de emprego para a população crescente de jovens nos PPCs. A OIC acredita que é crucial fortalecer a juventude no setor para modernizar a cafeicultura e assegurar sua futura expansão e, também, aproveitar as ideias da Próxima Geração e sua energia, espírito empreendedor e talento para a inovação, tanto nos países exportadores quanto nos países importadores de café.

Creio sinceramente que experiências bem-sucedidas podem ser multiplicadas e extrapoladas em todos os países Membros da OIC, e confio em que este Relatório contribuirá para discussões entre todos os interessados sobre iniciativas empreendidas em regime de colaboração, necessárias para garantir a futura sustentabilidade de nosso setor cafeeiro, particularmente nos países de origem, transformando-o em um setor compensador e resiliente, que tem apelo para jovens homens e mulheres ao redor do mundo.

Concluindo, desejo reconhecer os esforços extraordinários da equipe da OIC, que, a despeito do número limitado de seus integrantes, trabalhou incansavelmente na produção deste Relatório. Esta é minha última contribuição como Diretor Executivo, e tenho especial orgulho do fato de que nós revolucionamos as contribuições da OIC ao debate geral sobre o setor cafeeiro, concentrando-nos cada ano em um tema específico e produzindo uma série inovadora de relatórios emblemáticos: os Relatórios sobre o Desenvolvimento do Café. Esses estudos inovadores ampliaram dramaticamente a qualidade, o público e o impacto do trabalho analítico da Organização, que vai da participação das mulheres e da sustentabilidade econômica do setor cafeeiro à avaliação em profundidade da CGV-C, e agora se estende à juventude. Confio em que minha sucessora, Sr.^a Vanúsia Nogueira, continuará a desenvolver e fortalecer esse processo, beneficiando-se do mesmo empenho e dedicação da equipe da OIC e do apoio dos países Membros da OIC, dos doadores e dos parceiros.

José Sette
Diretor Executivo, OIC
2017-2022



PARTE I

VISÃO GERAL

0.1 Objetivo e estrutura do Relatório

Esta importante publicação da Organização Internacional do Café (OIC) – o Relatório sobre o Desenvolvimento do Café (RDC) – marca a terceira edição do Relatório. O primeiro RDC se concentrou na sustentabilidade econômica, e o segundo apresentou uma avaliação em profundidade de mudanças dramáticas que ocorreram na cadeia global de valor do café (CGV-C) nos últimos 30 anos. O RDC de 2021, analisando os desafios e perspectivas que existem no setor cafeeiro para atrair e engajar os jovens, como empregados, empreendedores e consumidores, procura construir um argumento em favor do papel que eles terão na garantia do futuro do setor.

Os jovens com idade de 15 e 34 anos constituem cerca de um terço dos 4,9 bilhões de pessoas que vivem nos países produtores de café (PPCs) e pelo menos metade do total da força de trabalho desses países, dependendo da demografia de cada um. Nesse sentido, o futuro do café dependerá de seu trabalho, inovação, ativismo, estilo de vida e padrões de consumo. A Próxima Geração desempenhará um papel crucial em cada segmento da CGV-C, em particular através de pesquisa, desenvolvimento e inovação e pela adoção de novas tecnologias, para propiciar uma verdadeira revolução rural e industrial voltada para a sustentabilidade e a equidade. Este RDC examinará em específico a participação crítica da Próxima Geração na CGV-C, dando ênfase aos níveis de produção onde o envelhecimento das populações de cafeicultores representa uma séria ameaça ao futuro abastecimento de café, em particular no que concerne aos PPCs menores e menos produtivos.

Questões irresolvidas, como as associadas com as mudanças climáticas e o envelhecimento dos cafeicultores, ameaçam o potencial do setor cafeeiro de elevar as rendas e reduzir a pobreza; e a volatilidade dos preços causa preocupações com as possibilidades de aumentar e sustentar a produção de café. Para enfrentar essas ameaças, portanto, o setor exigirá cada vez mais inovação e envolvimento da juventude.

Embora o potencial dos jovens como catalisadores de inovações necessárias para sustentar o setor cafeeiro seja amplamente reconhecido, restam dúvidas sobre como promover com eficácia maior envolvimento da juventude no fortalecimento da sustentabilidade e da resiliência do setor.

Em resposta a esses desafios de caráter político, este Relatório examina a evidência de sinergias entre meios de vida para os jovens e um setor cafeeiro sustentável e resiliente, como segue:

i) Analisando importantes tendências demográficas nos PPCs e seu impacto potencial na produção, transformação, comércio e consumo de café no futuro;

ii) Examinando tendências, oportunidades e barreiras ao envolvimento dos jovens na agricultura, com ênfase na CGV-C;

iii) Examinando intervenções centradas na juventude, para identificar melhores práticas e métodos eficazes de apoio à participação dos jovens na agricultura e na CGV-C;

iv) Discutindo pontos-chave de entrada para investimentos pragmáticos e políticas de apoio, para fomentar uma participação significativa dos jovens na CGV-C.

Um tema central do RDC de 2021 é que um setor cafeeiro próspero e sustentável é de importância crítica para assegurar meios de vida aos jovens nos PPCs. Da mesma forma, como já se notou, um setor cafeeiro sustentável e resiliente requer maior participação da juventude. Em palavras simples, os jovens precisam do café e o café precisa dos jovens.

Este RDC apoia-se em numerosas publicações de pesquisa e na experiência de programas bem-sucedidos referentes à integração de pessoas jovens na agricultura e, em particular, no setor cafeeiro; e em sondagens e entrevistas diretas com importantes partes interessadas, que incluem tanto jovens "cafempredadores" quanto participantes tradicionais do mundo de negócios. A análise de desafios, oportunidades e melhores práticas possibilitou à equipe da OIC formular um conjunto de recomendações fiáveis de política, dirigidas não apenas a todos os interessados dos setores público e privado, mas também a parceiros de desenvolvimento, com o intuito de fomentar ações para conseguir um setor cafeeiro inclusivo e sustentável: uma transformação centrada na inovação e nos jovens como principais agentes de mudança.

O RDC é estruturado em cinco seções principais, divididas em três partes. A Parte I oferece uma visão geral abrangente do Relatório, que mostra seus objetivos, estrutura e contexto e dá um instantâneo dos pontos altos mais relevantes. A Parte I, em termos mais específicos, introduz o conceito e principal intenção do Relatório: "O futuro do café: Investir na juventude para garantir um setor cafeeiro resiliente e sustentável", em que se sublinha a relevância do Relatório e da metodologia que se utilizou – principalmente pesquisa de gabinete e exame da literatura, complementados por uma análise de dados secundários e uma série de consultas a interessados, através de entrevistas e sondagens on-line.

A Parte II cobre o tema central de todo o Relatório, analisando obstáculos ao envolvimento da juventude no setor cafeeiro e oportunidades que a CGV-C oferece, mas que não são aproveitadas. A Seção A trata das tendências, desafios e oportunidades para os jovens na CGV-C; a Seção B discute como promover o emprego dos jovens na agricultura e em toda a CGV-C; e a Seção C examina oportunidades, desafios e opções de política para envolver a Próxima Geração no setor café. A Parte III apresenta a Seção D, que põe em relevo as tendências do mercado observadas em 2020/21 em relação importantes eventos e políticas que afetaram o setor, incluindo a pandemia da covid-19.

Box 0.1: Definindo “jovem”

Não há definição universalmente aceita de “jovem”. Diversas definições baseadas em idade são usadas tanto dentro de países e programas quanto internacionalmente. A ONU define jovens como indivíduos de 15 a 24 anos, enquanto a União Africana estende o limite superior a 34. Para garantir a relevância política da análise estatística em diferentes contextos, este Relatório adota uma definição baseada em idade que classifica os jovens em duas categorias—pessoas de 15 a 24 anos, referidas no Relatório como “jovens”; e pessoas com idade de 25 a 34 anos, consideradas “jovens adultos”.

Além da definição baseada em idade, este Relatório reconhece “juventude” como uma fase distinta de desenvolvimento, um período de transição entre a infância dependente da família e a idade adulta independente, vivida com plenos direitos por membros responsáveis da sociedade. Como a vida adulta pode diferir conforme o contexto social e cultural, neste Relatório a discussão de estratégias de acesso a meios de vida pelos jovens procura refletir, até onde possível, as experiências de indivíduos nessa fase de desenvolvimento, sem levar em conta sua idade. São explorados meios de equipar os jovens com as aptidões necessárias para uma transição bem-sucedida à vida adulta, como definida em vários contextos sociais e culturais.

0.2 Principais constatações

0.2.1. Os jovens no mundo do café: um “desejo” ou um “imperativo”?

Embora não exista unanimidade quanto à faixa etária categorizada como “juventude” (ver box 0.1), este RDC adota tanto a definição das Nações Unidas quanto a da União Africana e pode indicar de duas maneiras as pessoas, distinguindo entre **“jovens as pessoas de 15 a 24 anos e “jovens adultos(as)” as de 25 a 34 anos.**

Um setor cafeeiro próspero e sustentável é de importância capital para garantir à juventude meios de vida nos PPCs; e um setor resiliente e sustentável requer um maior envolvimento da Próxima Geração. Entretanto, a junção de forças representada pelo rápido crescimento populacional, a expansão mais lenta de emprego significativo e a limitação das oportunidades para o desenvolvimento de aptidões consigna muitas pessoas jovens nos PPCs ao desemprego e/ou ao subemprego em atividades menos produtivas.

Como mencionado acima, a maioria dos PPCs possui as maiores populações jovens do mundo, mais de 70 por cento delas vivendo em PPCs da África e Ásia. Dos 4,9 bilhões de pessoas que vivem nos países produtores de café, cerca de um terço tem idade de 15 a 34 anos. Uma proporção

significativa dessa população jovem obtém renda da agricultura e poderia ser atraída a se engajar de forma produtiva e lucrativa em café para melhorar seus meios de vida. Prevê-se que, cada vez mais, os jovens africanos representarão uma parcela crescente da população global e exercerão considerável influência na trajetória futura da produção de café através de seu trabalho, padrões de consumo e ativismo.

0.2.2. Emprego dos jovens na agricultura e no setor cafeeiro

Como se sabe, a agricultura ainda é uma fonte significativa de renda em numerosos países em desenvolvimento, oferecendo oportunidades significativas de emprego. Muitos empregos disponíveis aos jovens, porém, tendem a concentrar-se no setor de serviços, que cresce com rapidez, e, de modo geral, as pessoas jovens têm menor participação na força de trabalho e são excessivamente afetadas por desemprego, subemprego e emprego vulnerável. Em relação aos adultos, frequentemente elas não possuem a experiência, a rede de contatos, os recursos produtivos e as aptidões necessárias para acessar com êxito oportunidades de gerar renda. São, portanto, maiores os desafios que elas enfrentam para acessar oportunidades de obtenção de meios de vida.

Box 0.2: Idade mínima para admissão a emprego

Este Relatório e sua análise dos jovens e jovens adultos e sua participação no setor cafeeiro dizem respeito ao cenário jurídico internacional, a convenções e leis referentes à idade mínima para admissão a emprego, aos setores formal e informal de emprego, a condições ligadas à frequência escolar e à idade de conclusão da educação obrigatória ou participação em ensino vocacional ou programas de treinamento. Uma análise comparativa da legislação sobre idade mínima ou trabalho infantil em diferentes países e regiões foge ao âmbito deste Relatório.

[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---travail/documents/projectdocumentation/wcms_765134.pdf]

- A idade mínima para admissão a emprego é crucial na proteção das crianças contra todas as formas de trabalho e exploração infantil. Leva também em conta os aspectos positivos da contribuição dos adolescentes à sociedade, em condições não prejudiciais a seu desenvolvimento, saúde e educação.
- Idade mínima em geral designa a idade em que se permite a uma criança trabalhar em tempo integral. Trabalho abaixo da idade mínima para admissão a emprego é considerado trabalho infantil.
- A Convenção N.º 138 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) estabelece essa idade como 15 anos, com a possibilidade de fixar em caráter temporário a idade geral de 14 anos em países onde a economia e o sistema educacional ainda não se desenvolveram suficientemente.

(Ref: <https://www.unicef.org/lac/media/2751/file/PDF%20Minimum%20age%20for%20admission%20to%20employment.pdf>)

Para que se possa compreender a situação da população jovem no mercado de trabalho, este RDC explorou diversos indicadores, entre os quais desemprego, participação na força de trabalho, status com respeito a NEET (não em emprego, educação ou treinamento), bem como prevalência de jovens em emprego vulnerável nos PPCs. Apesar de variações entre regiões e países, algumas tendências foram observadas.

A cafeicultura ainda é uma atividade de baixa remuneração e intensiva, que exige trabalho manual árduo, envolvendo apanha, escolha, poda, limpeza de ervas daninhas, pulverização, fertilização e transporte de produtos. Em consequência, a cafeicultura é pouco atraente em muitos PPCs: muitos jovens tendem a deixar as zonas rurais e migrar para as cidades ou países vizinhos ou industrializados, em busca de oportunidades mais lucrativas ou compensadoras. Essa migração deixa para trás agricultores que envelhecem, pouco aptos para manter a produção agrícola no futuro, de café inclusive. **Acompanhando a**

evolução das tendências globais com o passar do tempo, veem-se taxas de participação relativamente baixas e em declínio dos jovens (15-24 anos) na força de trabalho. Nos PPCs onde há oportunidades suficientes de educação formal, por exemplo, as taxas de participação dos jovens na força de trabalho são relativamente baixas, diminuindo à medida que as oportunidades educacionais aumentam. Enquanto isso, as taxas de participação dos jovens adultos (25-34 anos) que tipicamente completaram sua escolaridade e/ou constituíram família são muito mais altas. Na maior parte dos principais PPCs, a taxa de participação desse grupo é de 85 por cento ou superior. Onde essa taxa é inferior, a razão costuma ser um índice inferior de participação feminina. A taxa de participação de jovens mulheres na força de trabalho em média é inferior à dos homens, frequentemente em resultado de um “desincentivo”, da necessidade de cuidar de crianças e de percepções do que sejam empregos aceitáveis influenciadas pela ideia de gênero (OIC 2020).

Figura O.1 – Emprego e participação da agricultura no PIB, por região



Fonte: (OIT, FMI, World Economic Outlook Database, elaboração da OIC)

Quadro O.1: Taxas de participação na força de trabalho dos principais PPCs, por região (2019)

	15-24			25-34			35+		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
África									
Tanzânia	71.04	73.08	68.98	90.37	95.43	85.31	83.42	87.22	79.69
Etiópia	70.14	73.65	66.57	89.55	94.74	84.33	79.29	85.36	73.31
Camargões	54.83	58.32	51.31	87.36	94.51	80.2	76.11	80.98	71.3
Uganda	51.08	52.86	49.34	84.64	88.32	81.23	70.04	73.38	66.93
Quênia	42.49	43.72	41.25	89.54	93.7	85.44	74.24	76.53	72.01
Costa do Marfim	28.95	31.7	26.2	66.02	78.21	53.92	53.69	62.59	44.58
Ásia									
Lao, RDP	58.87	56.26	61.53	93.53	94.69	92.36	78.15	79.81	76.49
Viet Nam	55.95	59.58	52.1	94.15	96.02	92.21	77.37	82.18	72.73
Indonésia	47.88	55.64	39.69	76.34	94.89	57.63	68.01	82.17	53.81
Malásia	42.63	49.76	35.06	85.53	96.51	73.83	64.73	77.41	51.33
Tailândia	40.3	47.08	33.22	86.94	93.39	80.46	66.74	75.3	58.79
Índia	27.06	42.38	9.82	61.91	95.09	25.05	49.34	75.92	20.79
América Central									
Honduras	57.95	74.71	40.59	78.69	95.58	61.51	68.97	86.06	52.26
Guatemala	53.32	74.69	31.26	72.33	96.43	48.62	62.64	86.27	40.55
Nicaragua	50.97	71.4	29.24	78.72	95.3	62.05	66.66	84.67	49.74
Costa Rica	46.36	53.77	38.64	82.97	94.66	70.95	64.47	77.2	51.9
México	45.69	58.31	32.81	75.01	93.64	57.07	61.42	78.49	45.58
El Salvador	43.37	56.46	30.47	72.46	91.76	55.89	59.12	75.73	45.37
América do Sul									
Peru	62.52	66.86	58.49	84.25	92.26	76.08	77.86	85.29	70.58
Brasil	56.57	62.42	50.53	82.34	91.08	73.55	64.46	74.35	55.09
Colômbia	50.91	58.98	42.54	84.33	95.32	73.23	67.81	80.14	56.19
Equador	45.63	55.7	35.2	80.38	94.27	66.29	67.83	80.69	55.17
Venezuela, RB	34.09	46.13	21.78	81.36	96.63	66.53	57.95	74.87	41.95
Oceania									
Papua Nova Guiné	35.08	34.47	35.73	53.69	53.5	53.88	47.01	47.59	46.42

Fonte: ILOSTAT 2019

O desemprego afeta desproporcionalmente os jovens. Nos PPCs examinados, as taxas de desemprego entre eles são no mínimo duas vezes mais altas que as de toda a força de trabalho (Figura 0.2). Nas zonas urbanas as taxas são mais altas que nas rurais, onde as oportunidades para atividades agrícolas tendem a mitigar a situação do desemprego. Daí observar-se que nos países relativamente urbanizados, onde as oportunidades que a agricultura oferece são limitadas, as taxas de desemprego costumam ser mais altas, tornando cruciais as intervenções para enfrentar desafios específicos aos jovens e obter melhores resultados para eles em matéria de empregos.

Os jovens têm maior probabilidade que os adultos de estar subempregados e/ou só conseguir empregos vulneráveis. Quando empregados, é mais provável que eles estejam em empregos de curta duração, sejam mal pagos, trabalhem longas horas ou em condições precárias de trabalho (OMT 2020; White 2020). Cerca de 80 por cento dos jovens que trabalham na África subsaariana (SSA) estão envolvidos em trabalho vulnerável, e quase dois terços deles vivem em relativa pobreza, em contraste com metade da população adulta (OMT 2020). Tendências semelhantes são observadas em PPCs de toda a Ásia, América do Sul e América Central, ainda que em menores proporções.

É também mais provável que os meios de vida dos jovens sejam impactados durante crises econômicas, pois frequentemente eles são os primeiros a perder o emprego e os últimos a ser contratados. Essa situação foi exacerbada pela pandemia da covid-19, que desempregou um número muito maior de jovens que de adultos (Fleming 2021). Não surpreende, portanto, que o acesso dos jovens a emprego seja o foco de várias iniciativas nacionais, regionais e globais empenhadas em alcançar os ODS da ONU. A União Europeia, por exemplo, declarou 2022 como ano da juventude e, em reconhecimento do efeito devastador da covid-19 para o sustento dos jovens, colocou-os no âmago de seus programas de recuperação da pandemia.

A participação e o emprego dos jovens na agricultura primária e em cadeias específicas de valor agrícola continuam muito pouco estudados. Devido a diferenças entre fontes de dados e metodologias, as estimativas globais do número total de jovens envolvidos em atividades agrícolas variam muito. Aceita-se por consenso geral, todavia, que o número de pessoas que trabalham na agricultura vem caindo, apesar do crescimento populacional. No quadro econômico, com a criação de mais empregos fora da agricultura, a contribuição desta ao total de empregos também caiu quase 50 por cento entre a década de 1990 e o ano 2020 (ILOSTAT 2020). A redução dos empregos na agricultura também pode ser vista nos PPCs.

Mesmo com porcentagens em declínio, a agricultura continua a ser uma fonte predominante de emprego para a força de trabalho e os jovens nos PPCs do Hemisfério Sul. Na verdade, embora a participação relativa da mão de obra agrícola esteja em queda, o número absoluto das pessoas ocupadas na agricultura continua em ascensão na maioria dos países em desenvolvimento; e na próxima década o número de novas admissões para trabalho agrícola poderá ser ainda maior que nos segmentos do sistema agroalimentar posicionados fora da agricultura. Isso é realidade especialmente na ASS, onde em termos absolutos o número de pessoas ocupadas na agricultura aumentou mais de 80 por cento nos últimos 20 anos (ILOSTAT 2020). (Figura 0.3)

Figura 0.2: Taxas de desemprego e emprego vulnerável nos principais PPCs

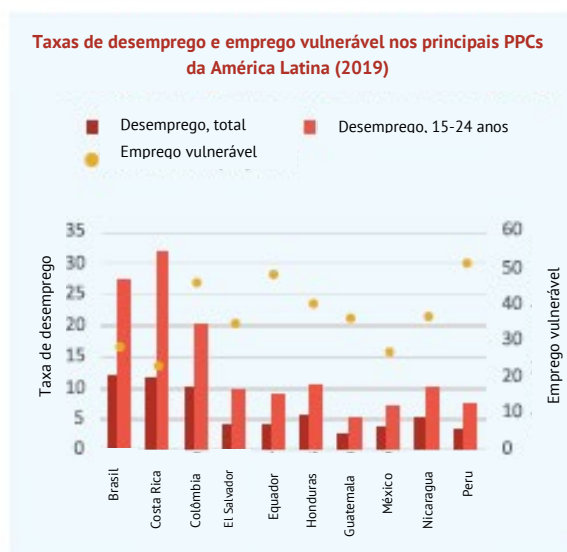
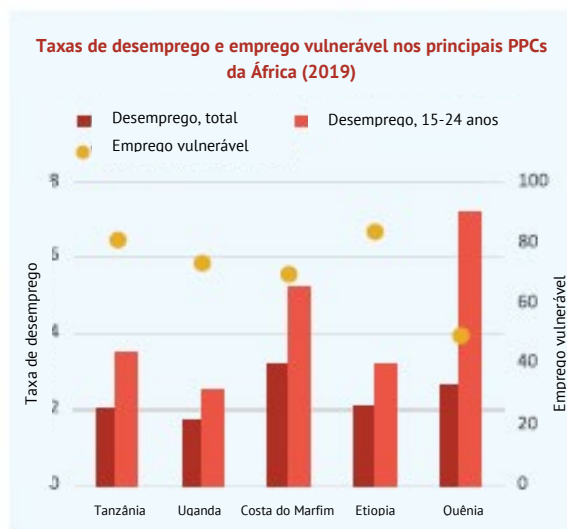
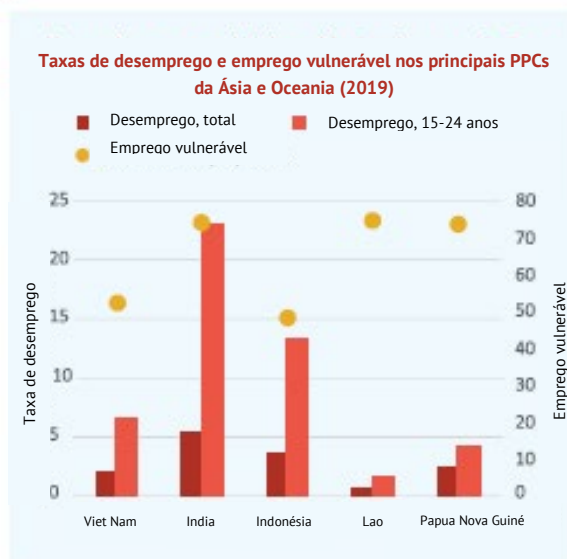


Figura 0.3 – Participação do emprego agrícola nos principais PPCs, por região



Fuente: cifras de la OIC compiladas por los autores

É interessante notar que **as taxas de participação dos jovens economicamente ativos na agricultura são mais altas que as da população adulta.**

As atividades agrícolas na verdade ainda respondem por mais da metade (52 por cento) do emprego total dos jovens africanos (ILOSTAT 2020). Uma análise recente que inclui países da ASS, Ásia e América do Sul (Dolislager, et al. 2020) estima que, em média, a população rural jovem devota à agricultura 51 por cento do total de seu trabalho, em contraste com 36 por cento da população adulta. É de se notar, porém, que, à medida que os jovens saem de casa ou deixam a escola e se integram mais completamente na força de trabalho, seu envolvimento na agricultura diminui.

Os jovens atuam em muitos papéis e espaços além da agricultura primária ao longo da cadeia de valor.

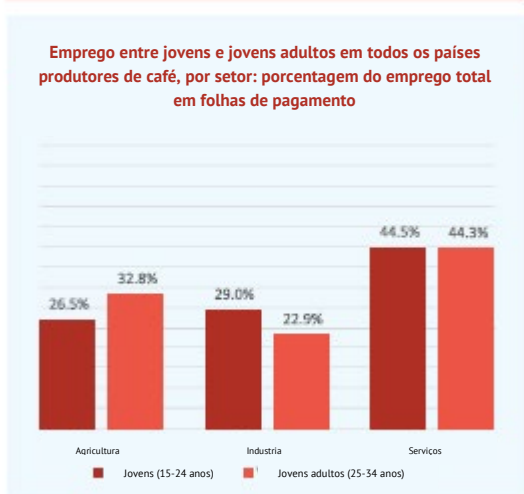
Dependendo do nível das mudanças estruturais de um país, os segmentos posicionados fora da agricultura de seus sistemas agroalimentares respondem por 8 a 16 por cento e 10 a 25 por cento do total dos empregos em tempo integral que os jovens (15-24 anos) e os jovens adultos (25-34 anos) ocupam, respectivamente (Yeboah e Jayne 2018). Entretanto, segmentos fora da agricultura das cadeias de valor agrícola como a torrefação, o processamento e o comércio varejista de café continuam pouco desenvolvidos na maioria dos países, criando barreiras ao ingresso relacionadas com aptidões e necessidade de capital.

Muitas atividades de emprego para os jovens concentram-se em serviços, sobretudo no comércio e distribuição. Hoje o setor de serviços responde pelos empregos de mais de 50 por cento das pessoas empregadas no mundo, em contraste com menos de 35 por cento em 1991 (Banco Mundial 2021). Os jovens dos PPCS não constituem exceção. Dados da OMT mostram que em 2019 perto de 45 por cento dos jovens (15-24 anos) estavam empregados, mais de um quarto deles na agricultura. A situação dos jovens adultos nos PPCs é

semelhante à dos jovens, com um pouco mais de 44 por cento trabalhando no setor de serviços. No entanto, como já foi assinalado, a proporção de jovens adultos na agricultura é ligeiramente mais alta que a dos jovens (Figura 0.4). Em seu artigo de 2020, Dolislager et al. confirmam essas tendências, mas também ressaltam a variação entre regiões geográficas. Eles notam, por exemplo, que o emprego agrícola pago e a participação da juventude nos segmentos das cadeias de valor agrícola posicionados fora da agricultura são mais pronunciados na Ásia e na América do Sul que na África.

Os empregos na agricultura frequentemente não correspondem às carreiras economicamente compensadoras, orientadas para a tecnologia, intelectualmente estimulantes e significativas a que os jovens aspiram, levando muitos a buscar carreiras fora da agricultura.

Figura 0.4 Emprego entre jovens e jovens adultos nos PPCs, por setor



Fonte : Cálculos da OIC baseadas em dados da OIT

A participação dos jovens na agricultura e na CGV-C vai além dos salários, família e atividades de emprego autônomo ligadas à produção, processamento e distribuição de café. A CGV-C hoje na verdade inclui uma vasta gama de carreiras e atividades em marketing, segurança alimentar e pós-consumo. Os jovens também participam como consumidores, pesquisadores e ativistas defendendo políticas relacionadas com mudanças climáticas, justiça em alimentos e consumismo consciente, que indiretamente afetam a produção e a distribuição de café. Este RDC apresenta alguns modelos educacionais que, como resposta à demanda por café sustentável, dão a jovens instigadores de transformações o poder de influenciar a transição global para um sistema alimentar sustentável.

A análise do impacto do **envelhecimento e da atratividade da cafeicultura** revela a opinião comum de que o desinteresse dos jovens pela agricultura é cada vez maior, resultando em um êxodo em massa dos jovens das zonas rurais e da agricultura. Fica para trás uma população de agricultores que envelhecem, pouco preparados para manter a produção agrícola no futuro, de café inclusive. O cafeicultor médio na Colômbia e no Quênia tem 55 e 60 anos, respectivamente (Kebaso 2021). No entanto, falta evidência empírica em apoio da assertiva de que a população de agricultores que envelhecem vem crescendo, e em particular na ASS. Lá, as populações são jovens, e grande parte da força de trabalho se mantém na agricultura; assim, alegações de que a agricultura está entregue aos velhos parecem questionáveis.

Como se indicou acima, a análise da idade da força de trabalho agrícola em países selecionados da ASS mostra, ao contrário, que em média o trabalhador agrícola tem menos de 40 anos. Além disso, se excluirmos os jovens de 15 a 24 anos, a média de idade da força de trabalho agrícola é de 38 a 45 anos. A estrutura etária dos agricultores africanos pouco mudou na última década.

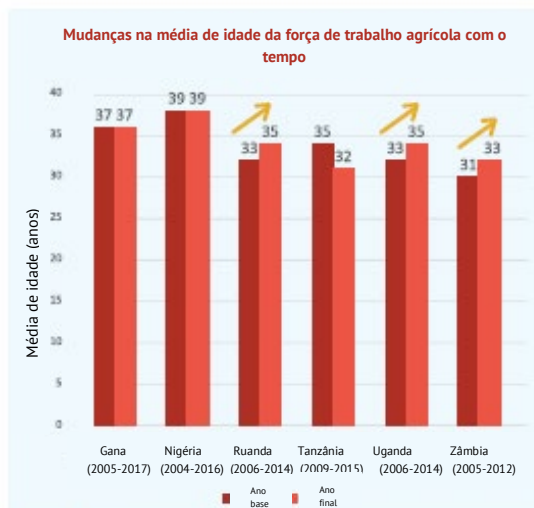
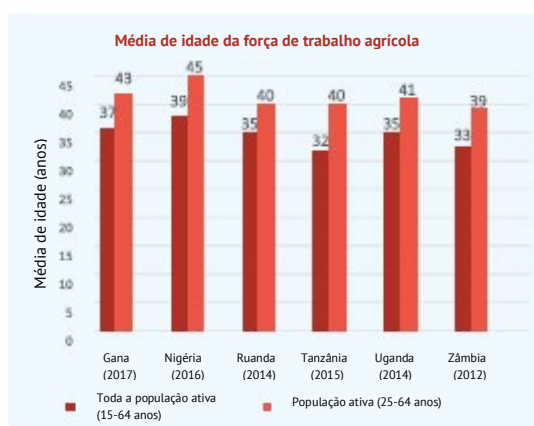
Parece que a percepção generalizada de uma população de agricultores em processo de envelhecimento na agricultura e, especificamente, na cafeicultura em parte é moldada pelas metodologias que se usam para classificar indivíduos como agricultores, concentrando-se sobretudo nos que controlam a gestão das propriedades e/ou tomam decisões sobre o uso de recursos e nos membros das famílias desse grupo (Heide-Ottosen 2014). A exclusão de jovens e de famílias sem terra que contribuem para o trabalho agrícola em empregos pagos afeta negativamente a precisão da análise e leva a uma sobrestimação

da média de idade da força de trabalho agrícola. Também é verdade que muitas pessoas jovens das zonas rurais deixam a agricultura à medida que as oportunidades de emprego fora da agricultura se multiplicam.

A maioria dos jovens africanos economicamente ativos, no entanto, se mantém engajada na agricultura, e os atrativos desta frequentemente estão ligados a salários e flutuações de renda.

Assim, como esta análise mostra, na África o risco de a população agrícola ser composta quase exclusivamente pelos mais velhos parece menor. Não está claro, porém, até que ponto a África constitui uma anomalia na distribuição etária dos cafeicultores, pois em outras regiões do mundo as populações são muito mais idosas. Mais análise do fator idade em outras regiões é necessária para confirmar conclusivamente essas tendências.

Figura 0.5 – Média de idade da força de trabalho agrícola em países africanos selecionados e tendências



Fonte: Cifras da OIC compiladas pelo autor

Embora seu acesso a educação tenha melhorado muito, os jovens são excessivamente afetados pelo desemprego e, mais que os adultos, podem perder o emprego durante crises econômicas ou qualquer pandemia, como a covid-19.

0.2.3. Demanda por café, desafios e o papel dos jovens

Os jovens e a demanda por café

A demanda global por café cresce e se recupera do impacto da pandemia da covid-19, em particular nos mercados emergentes, oferecendo oportunidades de renda e emprego às futuras gerações. No entanto, questões não resolvidas persistem, envolvendo o aproveitamento de potencial do café para elevar a renda e reduzir a pobreza. Essas questões, como se observou, vão das mudanças climáticas e envelhecimento dos cafeicultores à volatilidade de preços e distúrbios na cadeia produtiva. O RDC mostra que, para enfrentar essas ameaças e tornar-se mais sustentável e resiliente, o setor cafeeiro precisará cada vez mais de inovação e engajamento da Próxima Geração de produtores, processadores, distribuidores e consumidores.

Diferenças demográficas e de renda entre as regiões serão fatores significativos e centrais na configuração dos padrões tanto da produção quanto da demanda por café nos próximos anos. Mais da metade do aumento projetado da população mundial entre agora e 2050 ocorrerá na ASS. Estima-se que até a metade do século as populações da ASS dobrarão, fazendo da África o lar de cerca de 2,2 bilhões de pessoas. Outros 2,4 bilhões serão habitantes do Sul da Ásia (ONU 2021), mas na Europa, América do Norte e Leste da Ásia, onde a demanda por café é a maior, as populações estão envelhecendo e diminuindo.

Em um Hemisfério Sul jovem, assim, nova demanda por café será originada por uma classe média que se expande. Na África, por exemplo, calcula-se que os negócios e gastos dos consumidores alcançarão US\$6,7 trilhões até 2030, e sabe-se que uma população jovem que cresce e floresce com a "cultura de café" está alimentando uma demanda por café que também cresce (Banco Mundial 2015). O potencial da África só será realizado quando novas oportunidades econômicas forem criadas para combater a migração, os distúrbios sociais e a insegurança. Na África e na Ásia a maior parte das economias são agrárias e uma população considerável depende do café e outras commodities agrícolas para obter empregos e receita. Assim, investimentos que engajem os jovens para desenvolver modelos sustentáveis e equitativos de produção contribuirão para promover imagens positivas do setor cafeeiro, que, por sua vez, influenciarão os padrões de consumo e gastos no longo prazo.

Outro fator-chave que poderá influenciar os futuros padrões de consumo é o interesse mais forte de futuros consumidores, *millennials* e Geração Z por cafés especiais e produtos inovadores, em particular as bebidas à base de café. Estima-se, por exemplo, que entre 2021 e 2028 o mercado global do *espresso* registrou uma taxa cumulativa de crescimento anual de 7,15 por cento, em grande parte alimentada por renda disponível e consumo de café por estudantes e empregados para lidar com estresses e pressões do trabalho cada vez mais intensas (Data Bridge Market Research 2021).

Geografia e demografia

O ressurgimento do protecionismo, os preços baixos do café nos mercados internacionais e a volatilidade dos preços, somados a uma pandemia global que desestabilizou operações nas cadeias produtivas, puseram milhões de famílias de cafeicultores em risco (OIC 2020). No longo prazo, as mudanças climáticas e a incidência de pragas e doenças poderão afetar negativamente as regiões apropriadas para as lavouras de café. Essa situação pode ser mitigada pelo aumento da produtividade, em larga escala, concentrado nos PPCs de alta produtividade, fazendo com que as pequenas origens desapareçam ou exijam considerável expansão das áreas de cultivo e com isso afetem negativamente as florestas e outras áreas protegidas.

De um lado, o setor cafeeiro está-se expandindo e oferecendo novas oportunidades para superar a insegurança dos empregos e as discrepâncias de renda. De outro, o envelhecimento dos cafeicultores e o declínio da participação dos jovens podem impactar o futuro abastecimento de café. A construção de um setor sustentável e resiliente é um **mandato intergeracional, que exige uma colaboração cruzada entre gerações**. Programas de orientação e tutoria possibilitarão às gerações mais jovens se envolver de forma significativa e construir relações duradouras com as mais velhas. Possibilitarão também a transmissão de sistemas de conhecimentos relevantes aos jovens e lhes darão apoio na assunção de novos papéis de liderança.

Para ter um futuro produtivo e sustentável, o setor cafeeiro precisa cada vez mais de novos conhecimentos e técnicas inovadoras que lhe permitam adaptar-se de forma flexível a ameaças emergentes e existentes. Por exemplo, em nível de lavoura, as variedades de café resistentes a secas e as correções do solo para reter umidade por períodos mais longos e reagir aos fertilizantes serão essenciais para a agricultura inteligente em questões de clima. A adoção de sistemas regenerativos de agricultura está sendo considerada, e o número de boas práticas disponíveis aos PPCs, aumentando.

Especialistas do setor estão acordes quanto à necessidade de melhorias na **adoção de Boas Práticas Agrícolas (BPAs) e sistemas de produção benéficos ao meio ambiente**; de melhor manejo pós-colheita, com instalações mais modernas; de precisão nos processos de torra; de diferenciação através de cafés especiais; e da inclusão da sustentabilidade em todos os segmentos da CGV-C.

O envolvimento dos jovens em escala significativa poderá ser um componente crucial da solução, pelas seguintes razões:

- Eles aprendem depressa e utilizam tecnologias com desenvoltura, podendo introduzi-las no setor; e há provas de que os agricultores jovens tendem a aprender novas tecnologias com mais facilidade, frequentemente obtendo aumentos de produção através do reforço de modernas soluções.
- As tecnologias digitais, além de mais atraentes aos jovens, são uma ferramenta crítica para enfrentar desafios da cadeia de valor ligados a informação e localização remota.
- Os jovens têm um futuro mais longo no setor e são pouco ou nada limitados por experiências anteriores. Daí, sua receptividade a coisas novas, em especial quando elas trazem benefícios mais duradouros, que os produtores mais experientes, com menos tempo restante para atuar no setor, podem não considerar.
- Tem-se visto que novos negócios iniciados por jovens podem impulsionar a criação de empregos, em particular para outros jovens, globalmente e no contexto africano.
- A participação dos jovens facilita a transmissão de conhecimentos e tecnologia entre gerações, que é fundamental para a sustentação do setor cafeeiro.

Como cultivo pecuniário, **o café é uma importante fonte de renda familiar nos PPCs**. Como sua demanda global continua a aumentar, as receitas também devem aumentar nos PPCs se medidas adequadas forem tomadas para garantir uma passagem descomplicada das propriedades às próximas gerações.

Para entender o contexto econômico em que os jovens operam nos PPCs, é preciso analisar **a evolução das tendências demográficas, capital humano e mercado de trabalho**. Nota-se que as forças conjugadas do rápido crescimento populacional, expansão mais vagarosa do emprego remunerado e limitação das oportunidades para desenvolver aptidões têm consignado muitos jovens nos PPCs ao desemprego e/ou subemprego em atividades de baixa produtividade. A agricultura traz receita a uma parcela considerável da população jovem, que poderia ser atraída para o setor cafeeiro pela perspectiva de melhores meios de vida através de um engajamento produtivo e rentável.

Grande parte do café mundial é produzido nas regiões em desenvolvimento, onde a proporção de jovens na população é alta agora e será alta no futuro. Nas regiões produtoras de café da Ásia, América do Sul e América Central as populações são relativamente mais velhas, mas, juntos, os jovens e os jovens adultos constituem cerca de um terço da população e mais da metade da força de trabalho. Como expressivo contingente de produtores e consumidores, eles poderão moldar o futuro do setor cafeeiro e da economia global do café como um todo.

Acesso a educação de qualidade para os jovens nos PPCs

Para poderem contribuir com eficácia para um setor cafeeiro vibrante e sustentável, os jovens precisam de uma gama de aptidões fundamentais, interpessoais e específicas ao setor. A análise dos dados de indicadores educacionais como os Anos Previstos de Escolaridade (APEs) e a Média de Anos de Escolaridade (MAE) e das taxas de alfabetização e competência em leitura e uso de números nos PPCs proporciona alguns **insights interessantes, postos em relevo abaixo**.

Na última década o acesso dos jovens a educação cresceu nos PPCs. Nas diferentes regiões houve um aumento palpável dos APEs e da taxa líquida de matrícula em todos os níveis educacionais. Nos seis principais PPCs da África os APEs aumentaram de seis anos no início da década de 1990 para 10,3 anos em 2019; e em países como a Etiópia os APEs e a taxa líquida de matrícula no ensino primário quase triplicaram durante o período. Tendências semelhantes são observadas entre os PPCs de outras regiões, com aumentos de três para cinco anos dos APEs na Ásia, América Central e América do Sul.

A adoção de novas tecnologias no setor cafeeiro ainda é modesta. Em Honduras, por exemplo, o Fundo Climático Verde estima que só 15 por cento dos produtores incorporam a agrossilvicultura a seus cafezais (Fundo Climático Verde 2019). Como os investimentos necessários trarão benefícios no médio a longo prazo, quem está bem posicionado para os acolher e implementar são os jovens.

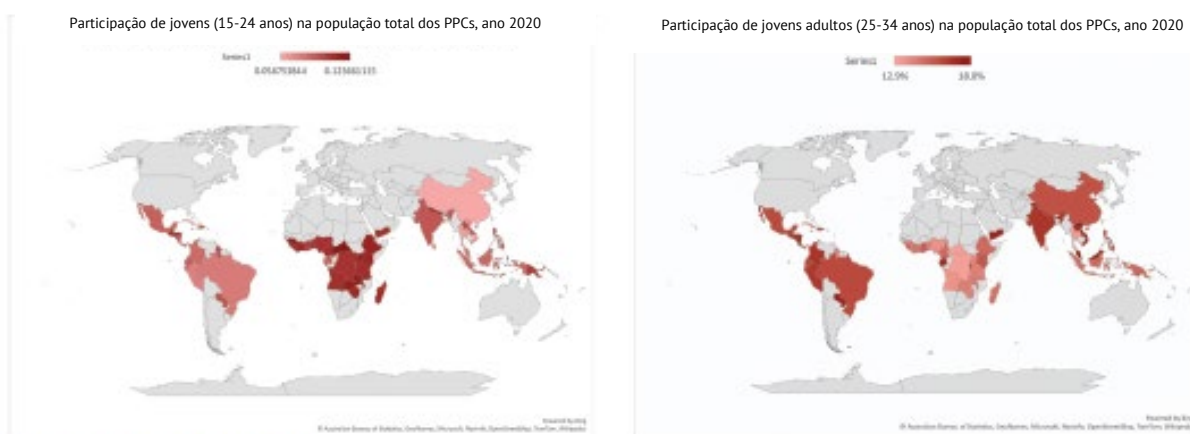
As tendências acima estão em sintonia com as tendências globais, que mostram a expansão do acesso a educação (UNESCO 2021). Na verdade, a juventude de hoje representa a geração mais instruída que os PPCs jamais tiveram.

As disparidades de gênero no acesso a educação também diminuíram em quase todos os PPCs. Em contraste com as tendências do início da década de 1990, os anos previstos de educação feminina nos PPCs são agora equiparáveis aos de educação masculina. A maior redução das disparidades de gênero em APEs ocorreu na Ásia, onde em 2019 o número de APEs das meninas foi maior que o dos meninos em quase todos os principais PPCs, menos o Laos. A única exceção entre as regiões foi a África, onde a discrepância de gênero em APEs se estabilizou em cerca de um ano a favor de jovens do sexo masculino desde meados da década de 1990.

Entre 2000 e 2020, as taxas de conclusão de educação primária pelas crianças subiram de 82 para 90 por cento, aproximadamente; e vários países, sobretudo na Ásia e América do Sul, conseguem oferecer ensino primário universal (UNESCO 2021). Menos de um terço dos jovens que concluem o curso primário na África e no Sul da Ásia, porém, alcançam competência básica em leitura e uso de números (ONU 2022)”.



Figura 0.6 Proporção de jovens e de jovens adultos na população total dos PPCs



Fonte: Cifras da OIC compiladas pelo autor

Apesar desse progresso notável, o acesso a educação e o rendimento escolar continuam pequenos, sobretudo nos PPCs e na ASS, onde cerca de dois terços dos jovens ingressando na força de trabalho não obtiveram educação secundária e até 20 por cento dos jovens e 30 por cento dos jovens adultos não frequentaram escolas (Fox e Filmer 2014).

O acesso a educação secundária e superior de qualidade pelos jovens em comunidades cafeicultoras é limitado por diversos fatores, como:

- Empecilhos financeiros, transporte inconfiável e programas educacionais inacessíveis;
- Barreiras estruturais e culturais, afetando principalmente as meninas; e
- Deficiências nos sistemas educacionais, atribuíveis a falta de material escolar e a professores mal treinados.

O desenvolvimento limitado de "aptidões interpessoais" – tais como pensamento crítico, comunicação, liderança, colaboração e capacidade de resolver problemas – influencia os ganhos e outros aspectos da vida social durante a vida toda.

Os esforços para melhorar o acesso e a qualidade da educação, portanto, devem dar especial atenção às barreiras que meninas e meninos enfrentam nas zonas rurais. Esses esforços não devem se ater a políticas fiscais, mas incluir reformas sociais; e melhorar a qualidade da educação é crucial quando se deseja que os jovens se tornem bens valiosos para um setor cafeeiro que se concentra cada vez mais em conhecimentos e tecnologia. O alinhamento com as demandas e requisitos do setor em termos de habilidades tanto técnicas quanto não técnicas ampliaria tremendamente as oportunidades de colocação e emprego para os jovens. Em reconhecimento do papel e das aspirações dos jovens no setor cafeeiro, e como parte das ações que em 2021/22 a OIC centrou na Próxima Geração, a Secretaria pôs em foco o tema dos jovens e do café em dois eventos internacionais de alto nível (ver box 3):

- Em um dia todo devotado à juventude e ao café, na reunião anual do Youth20, o grupo de engajamento da Cúpula do G20 durante a presidência italiana (OIC PR 315/21 <https://www.ico.org/documents/cy2020-21/pr-315e-youth-20-summit.pdf>)
- Na abertura do Fórum Mundial da Alimentação de 2021, organizado pelo Comitê da Juventude da FAO e por muitos jovens líderes com vistas à construção de melhores sistemas alimentares, em outro evento também devotado à

juventude e ao café (<https://media.un.org/en/asset/k1k/k1knkxxrw>).

Esses dois fóruns políticos de alto nível permitiram à OIC atrair e captar a atenção da comunidade global para os desafios e oportunidades do setor cafeeiro para milhões de jovens.

Barreiras exógenas e endógenas ao engajamento na agricultura e em café

Percepções negativas da agricultura como último recurso para jovens pobres, sem instrução e fracassados estão associadas a práticas agrícolas tradicionais. Em todos os PPCs, em especial na África e na América Central, é comum os pais e professores incentivarem os jovens a procurar oportunidades fora da agricultura. O desinteresse predomina entre jovens instruídos, que costumam julgar que as oportunidades na agricultura conflitam com os estilos de vida a que eles aspiram (Afande, Maina e Maina 2015; Mulema, et al. 2021). No entanto, a evidência indica que, quando há oportunidades de engajamento produtivo e lucrativo na agricultura, os jovens as aproveitam (Mabiso e Benfica 2019).

A participação dos jovens no setor cafeeiro, como este RDC indica, é entravada não só pela falta de acesso a educação de qualidade, mas também por **uma escassez das aptidões e do know-how técnico** necessários para aproveitar as oportunidades oferecidas por um setor cafeeiro que se concentra cada vez mais em conhecimentos e tecnologia.

Na maioria dos PPCs não costuma haver um currículo com base na agricultura, nem educação e treinamento vocacional (ETV) focado em melhores práticas e tecnologias para a produção de café. Além disso, na educação superior não há orientação acerca de carreiras que amplie os conhecimentos sobre empregos decentes ao longo da CGV-C ou que os promova. Por falta de serviços de extensão agrícola nos PPCs, os jovens que estão fora do sistema educacional formal também não têm acesso a segmentos posicionados além do início da cadeia global de valor do café (CGV-C), onde é cada vez mais necessário que os atores obedeçam a padrões de segurança dos alimentos e ambientais em constante evolução.

Sendo um cultivo perene, o café requer três a quatro anos para produzir sua primeira safra, e é provável que ainda mais tempo para cobrir seus custos. Por isso, sua produção exige **acesso seguro a terra** para ser rentável, um privilégio a que a maioria dos jovens nos PPCs não se pode dar ao luxo.

Mesmo na África, onde se julga que a terra é abundante, pressões populacionais e subdivisões correlatas de terrenos entre gerações fizeram com que o tamanho das pequenas propriedades agrícolas diminuísse 30 a 40 por cento em mais de 40 países desde a década de 1970 (Headey e Jayne 2014).

“Acesso a terra, portanto, é um fator importante, que molda as decisões dos jovens quanto a ficar na agricultura ou migrar para centros urbanos (Bezu e Holden 2014; Kosec, et al. 2017)”.

Tradicionalmente a maioria dos jovens adquire terra por herança, através de sistemas consuetudinários de posse. Os recursos fundiários alocáveis, porém, diminuem mais e mais, porque as populações crescem em relação a áreas fixas de terreno (Jayne, Chamberlin e Headey 2014). Em consequência, a proporção de jovens que herdaram terras nas zonas rurais diminuiu, pois a terra escasseia, principalmente porque: a) as expectativas médias de vida aumentam, atrasando a transmissão das propriedades por herança; b) as mulheres, em particular, enfrentam maiores dificuldades para conseguir terra por estarem sujeitas aos sistemas consuetudinários, que lhes vedam direitos de propriedade; e c) requisitos onerosos são impostos por instituições financeiras quando os jovens tentam obter financiamento para começar ou expandir suas empresas de café (Njeru e Gichimu 2014).

Acesso a financiamento na produção de café é necessário tanto para aquisição de terra, equipamento e capital de giro para insumos (por exemplo, sementes de variedades melhoradas, fertilizantes) quanto para cobrir despesas operacionais (por exemplo, preparo do terreno, limpeza de ervas daninhas, colheita). No entanto, as instituições financeiras frequentemente não se dispõem a emprestar às agroempresas, para não falarmos em agroempresas geridas por jovens. Uma percepção muito difundida da agricultura é que se trata de uma atividade de alto risco, em razão de baixa rentabilidade, inflação elevada, deficiência dos mercados fundiários e problemas envolvendo garantias e direitos de propriedade (Kaula, Arasa e Nzioki 2019). Para minimizar riscos, os bancos comerciais preferem emprestar a agricultores de médio e grande porte, e na América Central isso priva 250.000 cafeicultores de opções de financiamento (Bathrick 2015).

Outras dificuldades, como a falta de uma história de crédito, de experiência comprovada na execução de atividades agrícolas financiadas e/ou de garantias, afetam muitíssimo a capacidade dos jovens de contar com os investimentos necessários para que suas lavouras de café se tornem produtivas e resistentes a choques (Archer, et al. 2018).

A falta de acesso a tecnologias digitais, que são importantes ferramentas para construir lavouras de café produtivas e lucrativas, também afeta enormemente a produtividade e o engajamento dos jovens na agricultura e no setor cafeeiro. Por exemplo, a TCI, as comunicações inteligentes e o acesso às atualizações mais recentes de preços e da meteorologia permitem aos produtores gerir e planejar sua produção com maior eficácia.

Box O.3: Apelo no Dia do Café do Youth20 aos líderes do G20

Investir no setor cafeeiro para ativar o potencial de nossa juventude e sua aspiração a um mundo sustentável e inclusivo. Em 22 de julho de 2021 uma mesa-redonda para tratar de questões de sustentabilidade, inovação e inclusão foi organizada, em parceria com a OIC, pela Sociedade de Jovens Embaixadores, a Presidência do Youth20 e o grupo oficial de engajamento da juventude do G20. Essa reunião virtual facilitou um diálogo entre os delegados do Youth20 e importantes atores do setor cafeeiro, como a OIC, o Fórum Mundial dos Produtores de Café, o Comitê Italiano do Café, o Consórcio de Promoção do Café, a Coalizão do Slow Food, a Illycaffè, o Grupo IMA e o Grupo LAVAZZA. Entre as questões centrais do debate realizado podem citar-se: inovação e sustentabilidade na cadeia produtiva do café; oportunidades para inclusão e crescimento profissional dos jovens no setor cafeeiro; e desafios potenciais e futuros ao setor.

OIC no Fórum Mundial da Alimentação

O Fórum Mundial da Alimentação (FMA), uma rede global independente de parceiros criada e liderada por jovens, serve como principal plataforma para engajar e explorar a paixão dos jovens, galvanizar ação e identificar soluções para os desafios cada vez maiores aos nossos sistemas agroalimentares e alcançar os ODSs da ONU.

O principal evento do FMA realizou-se em outubro de 2021, reunindo importantes grupos de jovens, influenciadores, empresas, instituições acadêmicas, entidades não lucrativas, governos, mídia e público para impulsionar conscientizar, promover engajamento e ativismo e mobilizar recursos em apoio da transformação dos sistemas agroalimentares através de ação dirigida por jovens.

A OIC, com apoio da equipe da Allmende, participou de eventos do FMA organizados pelo Comitê da Juventude da FAO, e celebrou o Dia Internacional do Café de 2021 no primeiro dia do FMA. O evento intitulado “Rastreado a cadeia de valor do café” foi aberto por José Sette, Diretor Executivo da OIC; e, em colaboração com a Rede da Juventude do Café da Coalizão do Slow Food, foram nele explorados temas como os desafios socioeconômicos que vão, etapa por etapa, dos cafeicultores ao café que chega ao consumidor final.

“Uma das maiores barreiras para os jovens cafeicultores é que recursos e novas tecnologias não chegam a eles (Deichmann, Goyal e Mishra 2016)”.

Um relatório recente mostra, e isso não surpreende, que as intervenções envolvendo crédito a pessoas jovens estão entre as mais bem-sucedidas no treinamento e capacitação de jovens cafeicultores, como nos casos da Coffee Kids na região do Trifínio (América Central) e da Pret à Manger e da Twin Trading na Colômbia.

Nas zonas rurais, onde se produz a maior parte do café, frequentemente faltam recursos como redes viárias, fontes confiáveis e baratas de energia, conexões de Internet e serviços sociais para apoiar o desenvolvimento de empresas agrícolas rentáveis. Muitos jovens são por isso compelidos a migrar das comunidades cafeicultoras para os centros urbanos à procura de empregos inexistentes (ONU 2021). Acresce que o analfabetismo digital impede que numerosos cafeicultores jovens adquiram uma compreensão adequada do uso de tecnologias. Da mesma forma, a má conectividade impede que os pequenos agricultores jovens se conectem com os mercados globais, em que as propriedades agrícolas de maior porte predominam.

A provisão de **acesso a mercados tradicionais e novos mercados** é de importância crucial para conseguir o engajamento dos jovens na agricultura. Um método para melhorar o acesso e dar mais transparência aos mercados é o dos mercados certificados, cada vez mais comuns nas regiões cafeeiras, como o do Fair Trade. No entanto, a juventude rural enfrenta numerosas barreiras ao acesso a esses mercados, devido a: a) custos altos da certificação; b) escassez de economias de escala para cobrir operações de exportação de café; c) incapacidade de cumprir requisitos rigorosos de qualidade; e d) limitações decorrentes da altitude (Tellman, Gray e Bacon C.M. 2011). Essas barreiras também se aplicam a outros mercados, pois o acesso dos jovens a terra, recursos financeiros e capital costuma ser pequeno.

A participação dos jovens nas cadeias de valor do café pode ser dispendiosa, em termos de rendas não realizadas e de produção reduzida. Mas até que ponto áreas apropriadas para a produção de café atraem os jovens ao setor cafeeiro? Para responder a esta pergunta, foi elaborado um **índice de atratividade do café (AtCof)**, que se propõe medir o apelo da produção de café em uma dada área com base em quatro variáveis principais: condições climáticas; posse da terra; rendimentos potenciais do café; e acesso a mercados. Empiricamente, o AtCof de uma zona de um país pode ser representado pela seguinte fórmula:

$$AtCof_i^c = f(\text{Condições climáticas, Posse da terra, Rendimentos do café, Acesso a mercados})$$

O índice tem a ver, em primeiro lugar, com **as condições climáticas**, pois se sabe que a qualidade do café é altamente sensível a secas, más temperaturas e mudanças climáticas. Deslocamento induzido por secas é um fenómeno comum e por isso é um fator importante no índice de atratividade do café (Adaawen et al. 2019; Cheserek e Gichimu 2012). O segundo conjunto de variáveis do índice tem a ver com **a posse da terra**, pois instituições contrárias à posse da terra proíbem aos agricultores fazer investimentos que poderiam elevar a produtividade no longo prazo. A melhoria da situação da propriedade da terra pelos jovens, portanto, é essencial para

que seu interesse pela cafeicultura aumente. A terceira variável considerada são **os rendimentos e a produtividade do café**. Em palavras simples, os jovens se sentirão mais atraídos pela cafeicultura se as receitas que ela trouxer forem maiores que as de atividades externas à agricultura. O quarto e último componente é **o acesso a mercados**, sinónimo de melhor acesso a propostas vantajosas (Borrella, Mataix e Carrasco-Gallego 2015) e mais competitividade e qualidade, em particular nos mercados dos cafés especiais.

Pode-se calcular o índice AtCof em diversos segmentos da cadeia de valor, mas a presente análise se concentrou na produção primária. Com base em dados de Uganda, a atratividade do café em vários distritos do país foi calculada e seu impacto na participação dos jovens na cafeicultura foi examinada.

A Figura O.7 ilustra a distribuição do índice de atratividade do café em todo o território de Uganda, com o tom mais escuro representando áreas onde a produção de café é mais atraente. As constatações revelam que nos distritos do Sul e do Centro do país, a atratividade da produção de café é maior, alcançando um AtCof de 3 a 5. Testes iniciais do índice sugerem que o aumento da atratividade de qualquer zona de produção é uma condição necessária, mas não decisiva, para a participação dos jovens na cafeicultura. Intervenções complementares para fazer face a questões relacionadas com a limitação de recursos, pelo contrário, são crucialmente necessárias para expandir essa participação na produção de café. Todas são analisadas neste RDC.

O que pode instigar maior engajamento dos jovens nas cadeias nacionais e globais de valor global do café?

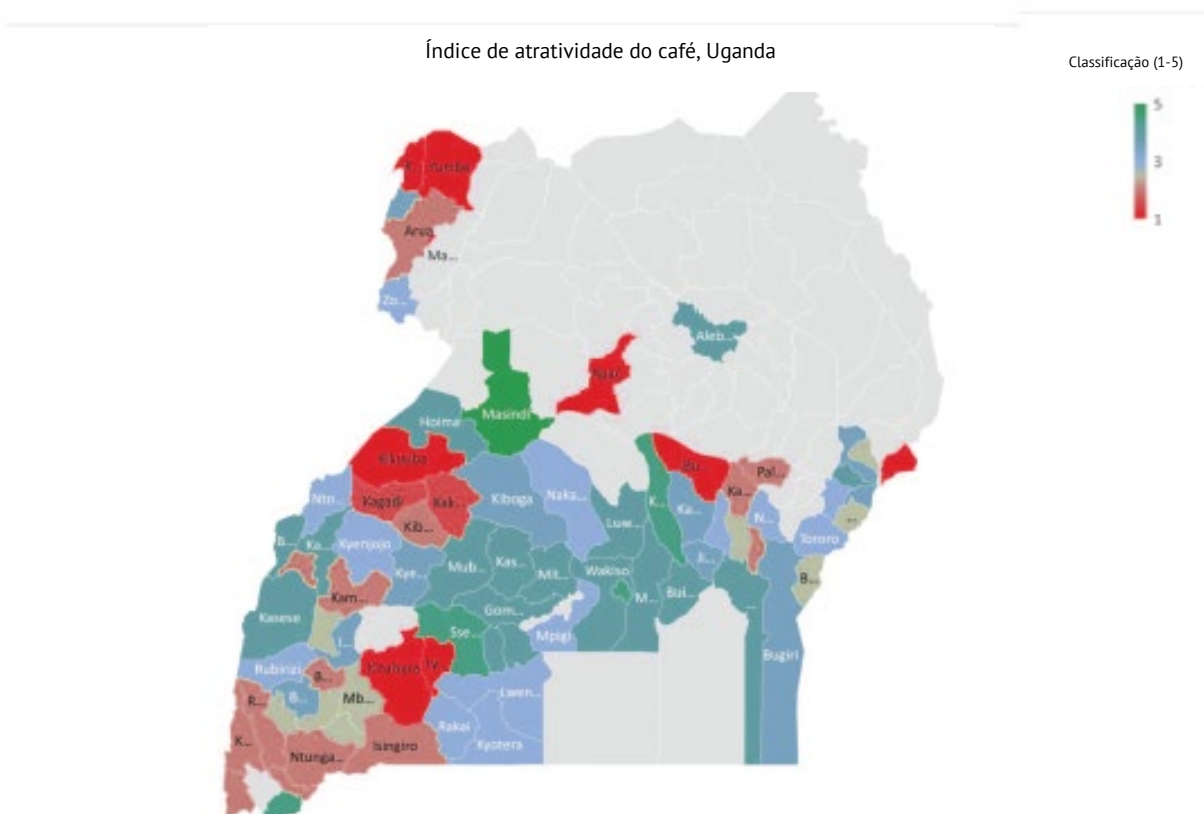
Um setor cafeeiro sustentável requer que a produção de café se expanda a uma taxa proporcional ao crescimento da demanda. As principais questões, assim, têm a ver com diferentes escolhas estratégicas e políticas em relação ao aumento da produtividade e dos rendimentos, à mitigação do estresse climático e à redução da expansão do uso de terras quando seus efeitos ambientais forem negativos.

Intervenções em nível da lavoura têm recebido atenção da maior parte dos governos locais e órgãos públicos e privados. Elas sinalizam amplas oportunidades de envolver os jovens na produção de café de modos distintos, pois em muitos PPCs a produção de café é um processo que ainda envolve mão de obra intensiva e pouca mecanização. A necessidade de mão de obra na cafeicultura, somada ao envelhecimento dos cafeicultores, amplia as oportunidades de participação dos jovens, formando a Próxima Geração de cafeicultores.

Oportunidades em café para os jovens também existem na provisão direta de serviços, no apoio à aplicação de BPAs, na reabilitação e manutenção de cafezais, na gestão de instalações de armazenamento, na aplicação sistemática de insumos, no controle de qualidade, no controle de pragas e doenças e no armazenamento e manejo pós-colheita. Essas são todas áreas críticas, em que a energia das pessoas jovens é necessária.

Há outras oportunidades para a participação da juventude em áreas como o empoderamento de jovens adultos tanto nos segmentos iniciais quanto nos seguintes da CGV-C, a prestação de apoio financeiro para educação superior, o treinamento e capacitação e a melhoria de capacidades de empreendedorismo e liderança.

Figura 0.7 Índice de atratividade do café em Uganda



Fonte: Cálculo do autor usando dados do LSMS, SPEI e FAO

Os Programas para Jovens Cafeicultores iniciados pela Federação Nacional dos Cafeicultores (FNC) da Colômbia são exemplos de iniciativas nessas áreas, concentrando-se em desenvolver capacitação no conhecimento de boas práticas agrícolas em geral, com vistas à produção de café de alta qualidade na Colômbia (Próxima Geração do Café 2022).

Os cuidados com o Planeta e o enfrentamento das mudanças climáticas no setor cafeeiro, como se notou, estão entre as questões importantes com que os jovens têm preocupações profundas. Oportunidades existem em diversos pontos da CGV-C para a agrossilvicultura em propriedades agrícolas e para os investimentos na mitigação de resíduos e no uso de energia solar ou outras fontes energéticas renováveis nos locais de processamento pós-colheita, todas elas relacionadas com "serviços ambientais". Estima-se que por volta de 25 por cento dos jovens no setor cafeeiro podem obter emprego em serviços de extensão centrados na modernização e generalização da sustentabilidade na cafeicultura. Podem também trabalhar com grupos locais para melhorar a saúde e a produtividade dos solos (Lutheran World Relief 2022).

A crescente escassez de terra dificulta sua obtenção exclusivamente para café. Como já se mencionou, os cafeicultores precisam de três a quatro anos para colher sua primeira safra; assim, incentivar jovens mulheres e homens a fazer outros cultivos ("intercalares") para sustentá-los durante o período de espera pode ser uma boa estratégia.

No contexto das bem documentadas restrições que os jovens enfrentam para adquirir terra para fins agrícolas, os principais informantes entrevistados identificaram como segmentos da CGV-C onde surgem as maiores oportunidades para os jovens o comércio, a transformação, a distribuição e o varejo. Entre as áreas que eles julgam oferecer oportunidades atuais e crescentes estão a diversificação por meio de transformação, o processamento para melhorar a qualidade, a degustação e a "cultura de café".

“Ao longo da cadeia de valor do café, os jovens deveriam se engajar ao máximo em aspectos como o barismo (preparo da bebida) e a degustação (compreensão e reconhecimento de qualidades). Os jovens tendem a se interessar por tópicos mais inovadores e a não ter muito interesse em continuar a ser cafeicultores na lavoura.”

Andrés Romero, FNC, (Colômbia)

Como o setor cafeeiro está-se modernizando a um ritmo veloz, impulsionado em particular por inovações tecnológicas e demanda crescente por sustentabilidade, a Próxima Geração será capaz de gerar e acessar oportunidades adicionais e novas de emprego e sustentabilidade através do desenvolvimento de capital humano para:



0.3 Oportunidades para os jovens no setor cafeeiro: melhores práticas

Este RDC baseia-se na análise de mais de 100 intervenções que têm os jovens como alvo, classificadas por tipo (setor privado, setor público e sociedade civil) e por serviço prestado (desenvolvimento de aptidões e treinamento, atratividade do café, e acesso a bens produtivos, insumos e mercados). Várias iniciativas lançadas por participantes do setor cafeeiro para beneficiar os jovens demonstram que o setor lhes oferece oportunidades de se envolverem em atividades lucrativas ao longo da CGV-C e de ganharem uma vida “decente”, ao mesmo tempo que contribuindo para a construção de um futuro sustentável para o setor. Diversos programas de desenvolvimento que fortalecem o envolvimento dos jovens no setor foram iniciados nos PPCs. O apoio dos setores privado e público e de ONGs, doadores bilaterais e multilaterais resultou em lições relevantes e úteis, que precisam ser compartilhadas e ampliadas.

As principais áreas cobertas pelas intervenções analisadas incluem o desenvolvimento de aptidões pelo treinamento de jovens em técnicas de produção de café, em sustentabilidade, na observância de padrões e regras e, de forma mais geral, no desenvolvimento de agronegócios. Os programas em

questão apoiam e promovem o trabalho dos jovens em campos ligados ao café e à redução da migração das zonas rurais para as urbanas e da migração internacional, incentivando-os a encontrar oportunidades nos negócios de café de suas famílias.

Vários projetos concentram-se em melhorar as perspectivas dos jovens do campo e dar resposta a suas percepções e atitudes negativas em relação à vida rural e ao trabalho na agricultura e, especificamente, na cafeicultura. Outra série de programas concentra-se em conseguir o acesso dos jovens a bens produtivos, incluindo terras, finanças, equipamento, insumos agrícolas e mercados. Finalmente, muitos programas de apoio concentram-se no combate e prevenção do trabalho infantil e outras práticas ilegais de trabalho que frequente e desproporcionadamente afetam as mulheres e os jovens.

As intervenções mais comuns dentre os tipos analisados são, de longe, as que dão **apoio aos jovens na aquisição de aptidões** para a produção e os negócios de café e/ou interpessoais, como:

- Projetos centrados no ensino aos jovens de aptidões necessárias à produção de café, incluindo gerenciamento de terrenos; inovações para melhorar a qualidade e a produção; e processamento na lavoura.

- Aptidões que o setor de serviços requer, como as necessárias para se tornar baristas. Vários dos exemplos examinados referem-se ao ensino aos jovens de diferentes formas de preparo da bebida; propriedades do café; e métodos de extração, torrefação, moagem e degustação.
- Torrefação, distribuição, marketing e setores de serviços e hospitalidade, como segmentos da CGV-C em que a participação dos jovens vem aumentando.
- Ensino de aptidões para os negócios, orientando os jovens para planejar e gerir negócios de café.
- Programas de treinamento em habilidades interpessoais, preparando jovens para oportunidades de emprego dentro e fora da CGV-C, também vêm recebendo mais e mais financiamento, principalmente do setor privado.

A segunda categoria de intervenções concentra-se em **atrair os jovens ao café** ou incentivá-los a permanecer nos negócios de café de suas famílias e reagir às percepções e atitudes negativas desenvolvidas em relação à vida rural e ao trabalho na agricultura e, especificamente, na cafeicultura:

- Demonstrando que a produção de café é rentável, em especial no domínio dos cafés especiais e mercados de nicho.
- Mostrando o potencial para atividades desenvolvidas em paralelo com a produção de café, como o ecoturismo e a observação de aves (Colômbia, Uganda e Tanzânia).
- Com base em iniciativas bem-sucedidas (tais como as da certificação Fair Trade na Guatemala), mostrando aos jovens que a agricultura pode se tornar rentável pela modernização dos sistemas tradicionais de produção e marketing e através de cultivos intercalares.

A terceira e última categoria de intervenções analisadas concentra-se em ajudar os jovens a acessar bens produtivos, mercados e insumos.

Terra. O acesso a crédito e terra estão entre as barreiras à participação dos jovens na produção de café mais citadas. Apesar disso, menos de 10 por cento das intervenções apreciadas neste relatório tratam dessa barreira importante, e fazem isso principalmente:

- Incentivando os proprietários de terras a transferir porções de suas terras aos filhos (Colômbia, Ruanda e Uganda).
- Encorajando a transferência da produção de café entre gerações (como na Colômbia, onde agricultores mais velhos são incentivados a investir prêmios em um fundo de pensão que lhes permite aposentar-se e transferir suas terras a agricultores mais jovens).

Financiamento. Várias intervenções incorporam em seus programas de assistência financeira para o início de negócios por jovens, melhorando seu acesso a financiamento; treinamento para o lançamento de firmas ou a produção sustentável de café e de fertilizantes compostos/orgânicos; e prestação de serviços aos jovens em comunidades cafezeiras rurais (América Central, Uganda). Fundos especiais e facilidades de crédito para café foram criados para os que não têm acesso ao sistema bancário formal (Honduras e Índia).

Mercados. Apoio ao acesso dos jovens a mercados, incluindo links ao e-trade e ao marketing direto, em particular para venda de cafés de alta qualidade e especiais nos mercados internos ou de exportação (Brasil, Colômbia, Quênia Uganda e Tanzânia, com suporte do Grupo Löfbergs). Crescem, ainda, as oportunidades de acesso a mercados de nicho por pequenos produtores liderados

por jovens, em particular em conexão com novas soluções digitais (blockchains) e plataformas de marketing on-line.

Acesso mais fácil a insumos e equipamento técnico também por meio de incubadoras de negócios e de plataformas on-line e emprego de telefonia celular na renovação e manutenção de cafezais e viveiros (Camarões, Iêmen, Cuba).

Muitos programas centrados nos jovens são desenvolvidos, financiados e implementados por parcerias entre governos dos PPCs, o setor privado, OSCs e instituições de desenvolvimento e financeiras. Alguns exemplos são dados abaixo.

0.3.1. Soluções e ações pelos governos dos PPCs

As entidades públicas participam do envolvimento dos jovens na CGV-C em graus distintos. Por exemplo, todos os governos dos PPCs têm políticas e programas visando ao desenvolvimento agrícola em geral. Alguns governos contemplam especificamente a participação dos jovens na produção cafeeira para manter as futuras exportações de café como fonte de divisas estrangeiras.

O Programa dos Jovens Empreendedores do Café & do Cacau (JECCA) do **Gabão**, por exemplo, tem o objetivo de renovar a produção de café e de cacau, atraindo jovens para viver nas zonas rurais e enfrentando o desafio do envelhecimento das populações de cafeicultores e cacauicultores. Jovens selecionados que possuem terras recebem apoio financeiro para formar lavouras de café ou cacau; e a assistência financeira que eles recebem termina depois da primeira colheita. Lançado em 2018, o programa patrocinou 17 jovens cafeicultores e 283 cacauicultores até a eclosão da pandemia da covid-19, que desacelerou o processo. Um segundo programa cobre atividades ao longo da cadeia de valor. A Caixa de Estabilização e Equalização do Café e do Cacau do Gabão (CAISTAB) presta assistência financeira por meio de capitalização a outros grupos de jovens que tenham formado pequenas e médias empresas (PMEs) para prestar serviços de manutenção das lavouras, incluindo limpeza de ervas daninhas e pulverização de cafezais; e também a PMEs em pontos de venda do mercado (casas de café). A CAISTAB no momento pleiteia financiamento adicional para expandir esses dois programas, que estão atraindo jovens à cadeia de valor do café e do cacau.

A Junta do Café da **Índia** implementou várias iniciativas centradas na educação de jovens empreendedores e de filhos de famílias que trabalham com café. Elas incluíram um curso de gestão de qualidade de 12 meses; orientação através de sua incubadora de café; um curso de tecnologia do café de cinco dias para inspirar os jovens a se engajar na cadeia de valor do café; apoio financeiro à educação de filhos dos trabalhadores; e um programa para incentivar os filhos de famílias que se dedicam ao café a se manter na agricultura.

Na **Indonésia**, o governo desenvolveu políticas para fornecer equipamento a grupos de agricultores com descontos de preços ou reembolsos. Treinamento em qualidade, empreendedorismo, degustação, torrefação, preparo da bebida, preparo de blends e gestão de casas de café também está sendo oferecido a interessados do setor cafeeiro, com financiamento do Fundo Especial da OIC¹. O governo procura engajar jovens em tecnologia digital, promovendo atividades de empoderamento e designando "Embaixadores dos Millenials da Agricultura e do Desenvolvimento Agrícola".

O Governo da **Colômbia** financia diversas iniciativas administradas pela FNC, tais como o Fundo Nacional do Café,

¹ O Fundo Especial da OIC proporcionou apoio financeiro e técnico aos Membros exportadores de café para aumento do consumo interno.

que oferece garantias de compra, P&D, serviços de extensão e marketing da marca Café de Colombia. O Governo e a FNC, através do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural, estabeleceram e estão empenhados em implementar um plano estratégico para o setor cafeeiro que se concentra na sustentabilidade e inclui a participação da juventude.

Em **Honduras**, o Conselho Nacional do Café (CONACAFÉ) criou o Plano Nacional do Setor Cafeeiro Jovem.

No **México**, o programa do Governo “Jovens construindo o futuro” oferece bolsas de estudos a jovens em diferentes cadeias de valor, incluindo a do café, para equipá-los com as aptidões necessárias para se tornar técnicos de campo ou baristas.

Em **Papua-Nova Guiné**, a Corporação da Indústria do Café (CIC) desenvolveu estratégias dirigidas aos jovens, que são implementadas através de seu movimento cooperativo, da integração do desenvolvimento de aptidões específicas ao café no currículo das escolas primárias, e do processo de certificação do Incorporated Land Group.

Esta é apenas uma seleção das iniciativas para jovens do café lideradas por Governos, de forma nenhuma devendo ser considerada uma lista completa das intervenções nos PPCs.

0.3.2. Engajando os jovens além da produção: iniciativas lideradas por empresas

O setor privado reconhece a importância de investir na juventude para garantir o futuro do café. Como parte de seu apoio aos fornecedores e às comunidades, o comércio e a indústria torrefadora vêm investindo nos jovens por meio de programas de melhoria da produtividade e da qualidade, de produção e fornecimento sustentáveis, e de combate a desigualdades, ao desmatamento e ao trabalho infantil. Nesse sentido, todos eles reconhecem que a mudança de gerações (em propriedade da terra, engajamento e tomada de decisões) pode criar problemas em relação à sustentabilidade e às aquisições em alguns PPCs. Entre as empresas que responderam às sondagens da equipe estão a Starbucks, a Nestlé, a Lavazza e a illycaffè. A maior parte dos programas de apoio inclui educação e requalificação para mulheres e jovens, bem como provisão aos jovens de melhor acesso a outros serviços básicos, como saúde, moradia, serviços sociais. Segue abaixo uma amostragem dos programas conduzidos por empresas e organizações do setor privado com foco nos jovens.

Nos **Camarões**, um programa do setor privado com foco nas novas gerações de cafeicultores e cacauicultores vem sendo conduzido pelo **Conselho Interprofissional do Cacau e do Café (CICC)**. O CICC é uma associação do setor privado que representa agricultores, exportadores, processadores e fábricas / compradores e apoia a requalificação de jovens homens e mulheres em técnicas e tecnologias agrícolas.

Em 2017 o **Grupo Lavazza** lançou um programa de treinamento intitulado “Uma xícara de aprendizagem”, com a finalidade de apoiar os jovens, em particular os pertencentes a grupos desfavorecidos, na busca de oportunidades de emprego ao longo de várias etapas da CGV-C.

A intervenção da **Sucafina** em Ruanda e no Quênia se concentra em investir na juventude do setor cafeeiro, treinando e empregando pessoas jovens (com idade legal para trabalhar) das comunidades que elas representam, para, como ocupação em tempo integral, testar solos não só das lavouras de café como também de outros cultivos alimentares e de forragem animal.

“A CISA Exportadora, que é parte do Mercon Coffee Group, através de sua Fundação Sementes para o Progresso, lançada em 2013, iniciou o programa ‘Cultivando Educação’, que disponibiliza serviços de creche e educativos durante os períodos de colheita na Nicarágua. O programa tem o objetivo de beneficiar os filhos dos trabalhadores das lavouras de café e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento econômico e social das comunidades cafeicultoras do país, criando centros comunitários que permitem às crianças aprender e se desenvolver durante toda a temporada de safra”.

A **Illy Università del Caffè**, um centro que promove a qualidade do café através de treinamento, pesquisa e inovação, oferece um Mestrado em Economia e Ciência do Café. O programa visa a “oferecer a pessoas com curso superior interessadas a trabalhar no mundo do café – e, em sentido mais geral, no setor agroalimentar – um preparo multidisciplinar apropriado ao longo de toda a cadeia produtiva, do cultivo à hospitalidade e ao varejo, incluindo logística, comércio e o processo industrial”.

Além das grandes empresas, diversos grupos ligados aos Cafés Especiais também se engajam com os jovens em seus programas de sustentabilidade, como a **Umami Area Association** (fundada pelo Dr. Andrej Godina em 2015), que organiza treinamento para jovens em países produtores e consumidores como o Brasil, o Vietnã e o Maláui, possibilitando que centenas de participantes do setor cafeeiro recebam treinamento em métodos de processamento, colheita, degustação da bebida e controle de qualidade.

A **Ecom Agro-industrial Corporation (ECOM)**, a **Kawacom Uganda Limited (KUL)** e a **Tutunze Kahawa Limited (TKL)**, em parceria com o **Hivos**, iniciaram um projeto de cinco anos no Quênia, para, tendo como alvo 60.000 pequenos agricultores, estabelecer sistemas de pequena cafeicultura viáveis e, no longo prazo, criar oportunidades de negócios para 2,4 milhões de pequenas propriedades de café e 16 milhões de pessoas que dependem do setor. As principais atividades incluem a incorporação de biogás em todo o sistema agrícola; a diversificação de rendas, em particular através de laticínios e horticultura; a provisão de facilidades de crédito; a melhoria de BPAs, com inclusão de resiliência climática; e o treinamento e apoio a mulheres e jovens.

É preciso novamente reiterar que o setor privado gerencia numerosos iniciativas. Embora não pretenda ser completa, a lista acima deixa entrever alguns programas compartilhados com a equipe de redação. Voltamos, porém, a convidar todas as partes interessadas a compartilhar com a OIC relatos sobre o sucesso de seus programas para a juventude. A OIC continuará a atuar como plataforma global para a partilha de melhores práticas envolvendo todos os segmentos da CGV-C, como parte da iniciativa “Próxima Geração”.

0.3.3. Intervenções em favor dos jovens na CGV-C por OSCs

A última categoria de atores que intervêm em favor dos jovens na CGV-C são as OSCs, que incluem ONGs, fundações e organizações filantrópicas. Muitas organizações desse tipo trabalham lado a lado com governos nacionais e locais, com o setor privado e com parceiros bilaterais e multilaterais. Na maioria dos casos, as ações das OSCs contemplam a melhoria dos meios de vida de jovens e mulheres e a sustentabilidade. As fundações que mantêm vínculos estreitos com empresas do setor privado na CGV-C poderão se beneficiar do maior envolvimento dos jovens e garantir uma constante provisão de futuros produtores de café, baristas qualificados e uma base de clientes com conhecimentos sobre a produção de café, dispostos a pagar por café de qualidade e de origens sustentáveis.

Fundação Hanns R. Neumann (HRNS): Porque os Cafeicultores Merecem Prosperidade **Fontes: The Power of Youth in Coffee (Tomchek 2021), 2018 Report: (Archer, et al. 2018), YDP Uganda: (Jacobs Foundation 2020), Team Up Uganda in 60 seconds: (HRNS 2021).**

Desde 2010 a HRNS incorpora jovens na CGV-C e os incentiva a explorar a cafeicultura como atividade economicamente viável e a desenvolver aptidões sociais e técnicas em práticas agrícolas, apoiando os jovens na identificação e busca de oportunidades de emprego e envolvendo-os no treinamento de habilidades interpessoais e empreendedorismo. Até agora a HRNS trabalhou com mais de 14.000 jovens no Brasil, Colômbia, El Salvador, Etiópia, Guatemala, Honduras, Indonésia, Uganda e Tanzânia.

Em parceria com o Hivos, os serviços da Agri-ProFocus Fair & Sustainable Advisory e muitos outros, a IDH desenvolveu o “Café Sustentável como Negócio Familiar”, um toolkit que se concentra na agricultura como negócio familiar e como meio de melhorar a integração das mulheres e dos jovens na CGV-C. Esta abordagem do desenvolvimento sustentável tanto no setor cafeeiro quanto, em particular, nos sistemas de produção em que os pequenos produtores predominam, tem por objetivo reduzir a distribuição desigual de informações, mão de obra e outros recursos e benefícios dentro das famílias que se dedicam à cafeicultura.

(https://www.idhsustainabletrade.com/uploaded/2016/08/toolkit_total.pdf).

0.4 Principais áreas de ação para rentabilizar a Próxima Geração do Café e alcançar sustentabilidade

Depois da análise do envolvimento dos jovens no setor cafeeiro e das principais limitações desse envolvimento e, igualmente, do exame de iniciativas dos setores público e privado com vistas à participação ativa dos jovens na CGV-C, um conjunto de áreas prioritárias para ação foi identificado, incluindo os principais atores e o horizonte temporal para implementação.

- A maioria dos programas para jovens se concentra na parte da produção de café da CGV-C, omitindo outras áreas para engajamento de toda a Próxima Geração no setor cafeeiro.
- Há uma falta de coordenação entre projetos, que, com frequência, reflete as prioridades e políticas de aquisição.
- O foco geográfico dos programas e tipos de intervenção em favor dos jovens precisa se alinhar com os lugares onde os jovens mais precisam de oportunidades.
- Grande ênfase é dada à requalificação, mas menos é dada a uma abordagem mais holística da capacitação; e a conexão com as prioridades da sustentabilidade é fraca.

Um investimento de múltiplas facetas é necessário em importantes áreas, para fomentar o aumento da produtividade

agrícola com inclusão dos jovens e um desenvolvimento de capital humano que, entre outras coisas, fortaleceria as aptidões e a capacidade dos jovens de inovar, fortaleceria suas vozes no diálogo sobre políticas e a respectiva implementação e facilitaria o acesso deles a recursos produtivos e financeiros.

Box 0.4: A “Próxima Geração do Café” e Sondagem sobre Boas Práticas

A iniciativa “Próxima Geração do Café” da OIC foi lançada durante a celebração do Dia Internacional do Café de 2020, com o objetivo de ajudar e investir em um dos segmentos mais vulneráveis do setor cafeeiro. A orientação da iniciativa era no sentido de apoiar e inspirar os jovens a contribuir para um futuro setor cafeeiro mais promissor, sustentável e próspero para todos. Para capacitá-los a construir um futuro próspero e sustentável, a “Próxima Geração do Café” tinha como alvo jovens talentosos e motivados, assim como empreendedores do setor que os apoiassem na obtenção de recursos e conhecimentos, no desenvolvimento de aptidões, no acesso a formação e treinamento e na criação de oportunidades para networking.

Em sintonia com a identificação de projetos destacando os jovens na CGV-C, a OIC lançou uma Sondagem sobre Boas Práticas, elaborada com apoio da agência de consultoria Allmende, para coletar exemplos de boas práticas e histórias de sucesso no setor cafeeiro, fortalecendo e destacando o papel vital desempenhado pelos jovens no avanço de uma CGV-C sustentável, inclusiva e inovadora. A sondagem era aberta a todos os interessados em café e organizações globais de juventude. Os que responderam, em sua maioria, identificaram-se como produtores de café, comerciantes, exportadores ou instrutores dentro da CGV-C. Acresce que 44,7 por cento dos que responderam tinham de 18 a 34 anos. Alguns dos desafios à realização de suas ideias/projetos que os participantes da sondagem identificaram foram:

- Desafios financeiros aos investimentos em atividades de processamento e distribuição de café.
- Falta de rejuvenescimento de gerações nos segmentos iniciais da cadeia produtiva.
- Imagens de marca e marketing de produtos.
- Falta de apoio para reproduzir ou expandir histórias de sucesso.
- Promoção de áreas rurais e conexão com elas.
- O modelo de negócios do “valor compartilhado” precisa ser traduzido em práticas que lidem com riscos envolvendo o ritmo de crescimento, nível de impacto necessário, governança, etc.

Seguem abaixo algumas recomendações baseadas em ideias procedentes do exame da literatura e de consultas a interessados.

Inclusão dos jovens no diálogo político e nos processos decisórios

O envolvimento dos jovens como parceiros iguais na concepção de projetos e na tomada e implementação de decisões pode ser um meio eficaz de garantir a compatibilidade das intervenções centradas nos jovens com seus interesses e talentos, fomentado um engajamento mais extenso e significativo deles nas decisões que os afetam.

Requalificação dos jovens em café

Um setor cafeeiro sustentável e resiliente se concentrará com maior intensidade em conhecimentos e tecnologia, exigindo aptidões técnicas, de negócios e interpessoais que ultrapassem o que hoje se oferece aos jovens nos PPCs. Por conseguinte, os investimentos em programas de educação e desenvolvimento de aptidões continuam a ser uma pedra angular de todo esforço que se faça para fortalecer um engajamento produtivo dos jovens no setor cafeeiro.

Expansão do acesso dos jovens a recursos produtivos (terra, recursos financeiros, tecnologias digitais)

Os dois maiores entraves à participação ativa dos jovens na CGV-C são terra e recursos financeiros. Em muitos PPCs os jovens (particularmente, as mulheres jovens) veem-se cada vez menos capazes de herdar ou adquirir terra suficiente para viabilizar a agricultura como negócio. Sabe-se em toda parte, além disso, que as tecnologias digitais têm maior apelo para os jovens e são uma importante ferramenta para a transformação da agricultura. Para mantê-los nas zonas de produção de café, um deslocamento de cenário em direção às tecnologias digitais e infraestruturas sociais é de suma importância.

Promoção de agregação de valor nos PPCs para expandir as oportunidades de participação dos jovens na CGV-C

A maior parte do café é produzido nos PPCs do Hemisfério Sul e exportado como grão verde. Há grandes possibilidades de agregação de valor ao longo da CGV-C nos PPCs, através de aprimoramento do produto (melhor qualidade e mais conveniência), aprimoramento funcional (mais processamento) e aprimoramento dos processos (maior eficiência) (RDC 2020). No entanto, para dar o pontapé inicial do processo de melhoramento – além da redução das tarifas de importação impostas ao café processado e de investimentos em melhor infraestrutura de mercado – será preciso criar um clima favorável de negócios, para que a Próxima Geração tenha melhores oportunidades de participar do café em etapas posteriores às da lavoura.

Investimentos em pesquisa, monitoramento, avaliação e aprendizagem exequíveis, e sistemas robustos de extensão, para fazer com que o setor cafeeiro responda a necessidades que crescem nos mercados e a ameaças emergentes.

O setor cafeeiro precisará, cada vez mais, de novos conhecimentos e tecnologia para se adaptar com sucesso a ameaças atuais e emergentes. O futuro do setor dependerá de sua capacidade de contribuir para um ambiente inovador que antecipe, reaja rapidamente e se adapte de modo flexível, para impedir, mitigar e se recuperar das ameaças e choques que surjam. Um resumo das recomendações é apresentado no quadro O.2 abaixo.

Box O.5: "Diretrizes sobre investimentos em favor dos jovens nos sistemas agroalimentares da África" da FAO e da Comissão da União Africana

Quando este relatório estava em fase de conclusão, a FAO e a Comissão da União Africana (CAU) publicaram as "Diretrizes sobre investimentos em favor dos jovens nos sistemas agroalimentares da África" [FAO and AUC. 2022. Investment guidelines for youth in agrifood systems in Africa. Rome. <https://doi.org/10.4060/cb9001en>], Trata-se de Diretrizes elaboradas juntamente por ambas, para acelerar investimentos para os jovens e pelos jovens nos sistemas agroalimentares, oferecendo orientação prática sobre a concepção, o desenvolvimento, a implementação, o monitoramento e a avaliação de programas de investimento centrados nos jovens e sensíveis a eles; e para os engajar inteiramente como parceiros em todo o processo. A publicação ressalta a importância dos jovens como agentes de mudança e enfatiza que "o papel dos jovens é vital para conseguir sistemas agroalimentares mais eficientes, inclusivos e sustentáveis" e como "o crescimento dos investimentos nos sistemas agroalimentares com participação ativa dos jovens é fundamental para honrar compromissos nacionais, regionais e globais, contribuindo para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em particular o ODS 8 ("emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos").

Nesse sentido, o RDC de 2021 está em plena sintonia com a extensa discussão que progride nos campos dos agronegócios e do desenvolvimento, e a OIC se reúne à FAO e à CAU, para apoiar a ampla divulgação e promoção das Diretrizes em nível nacional e local, atentando às limitações, necessidades e aspirações específicas dos jovens; e para aplicá-las e adaptá-las conforme apropriado, envolvendo jovens homens e mulheres como parceiros, assessores e inovadores.



Quadro O. 2 Resumo das recomendações propostas no Relatório

Recomendações de política	Ações principais	Atores principais	Período	Investimento necessário
I. Incluir a juventude no diálogo político e nos processos decisórios	I.1 Criar um espaço dedicado, possibilitando a representantes da juventude participar ativa e significativamente em discussões e decisões que possam afetar os jovens	Governos nacionais, organizações internacionais, setor privado, ONGs	Curto	Pequeno
	I.2 Convidar representantes da juventude a fazer parte dos Grupos de Trabalho/Força-Tarefa Público-Privada do Café sob a liderança da OIC	OIC	Médio	Pequeno
	I.3 Defender uma cultura organizacional que inclua a juventude nas federações/associações do café	Associações do café, OIC	Médio	Pequeno
	I.4 Atuar em parceria com organizações de juventude e plataformas de engajamento globais, regionais e locais	Organizações de juventude, governos nacionais, organizações internacionais, OIC	Longo	Pequeno
II. Atualizar as aptidões dos jovens na CGV-C	II.1 Estabelecer programas de atualização de aptidões que equipem os jovens com conhecimentos relevantes e específicos ao setor e promover a sustentabilidade e a economia circular	Governos nacionais, organizações da sociedade civil, setor privado (comerciantes/ torrefadores)	Longo	Grande
	II.2 Engajar-se ativamente com instituições educacionais (inclusive de TVET) nos PPCs para influenciar reformas curriculares	Governos nacionais, organizações da sociedade civil, setor privado (comerciantes/torrefadores)	Médio	Médio
	II.3 Influenciar associações de produtores de café a atuar como plataformas de instrução da juventude	Setor privado, organizações da sociedade civil, parceiros de desenvolvimento	Médio	Médio
	II.4 Construir polos de conhecimentos on-line, para facilitar a troca de ideias, tecnologias e inovações com e entre os jovens	Setor privado, organizações da sociedade civil, parceiros de desenvolvimento, OIC	Curto	Médio
III. Expandir o acesso dos jovens a recursos produtivos (terra, financiamento, tecnologias digitais)	III.1 Defender o acesso de jovens a terra através de esquemas de alocação de terra, como é feito pelos lobistas junto a líderes tradicionais	Governos nacionais/locais, grupos de juventude/comunitários	Médio	Grande
	III.2 Estabelecer fundos dedicados, para apoiar jovens que procuram estabelecer ou expandir lavouras de café ou negócios relacionados com o café	Setor privado, organizações da sociedade civil, IFIs, instituições financeiras locais	Curto	Grande
	III.3 Defender políticas de incentivo ao financiamento privado da agricultura através de terceirização coletiva	Setor privado, organizações da sociedade civil, IFIs, instituições financeiras locais	Médio	Pequeno
	III.4 Criar programas de incubação e aceleração, igualados por mecanismos financeiros apropriados, para estimular empreendimentos tanto inovadores quanto sustentáveis no setor cafeeiro	Setor privado, organizações da sociedade civil	Médio	Grande
	III.5 Desenvolver políticas que expandam o acesso a tecnologia digital de custo razoável e uso fácil	Setor privado, organizações da sociedade civil	Longo	Pequeno
IV. Promover agregação de valor nos PPCs, para expandir oportunidades de engajamento dos jovens na CGV-C	IV.1 Defender a remoção de barreiras comerciais	Organizações internacionais (OMC), governos locais	Longo	Pequeno
	IV.2 Ajudar jovens empreendedores a adquirir/acessar novas tecnologias de baixo custo (secadores, empacotadoras, pequenos torradores...)	Setor privado, organizações da sociedade civil, parceiros de desenvolvimento, organizações internacionais, IFIs, instituições financeiras regionais/locais	Curto	Médio
	IV.3 Engajar e fazer lobby junto a governos dos PPCs para que invistam em infraestrutura física e soluções circulares, para melhorar o fornecimento de energia confiável e de baixo custo	Governos nacionais/locais, organizações da sociedade civil, IFIs, instituições financeiras regionais/locais	Longo	Pequeno
V. Investir em pesquisa, monitoramento, avaliação & aprendizagem factíveis e em sistemas de extensão, para possibilitar ao setor cafeeiro responder a necessidades em evolução da juventude e a ameaças emergentes	V.1 Fomentar investimentos em pesquisa & desenvolvimento e serviços de extensão complementares	pesquisadores profissionais, setor privado, organizações da sociedade civil, parceiros de desenvolvimento	Médio	Grande
	V.2 Incluir, monitorar, avaliar e fortalecer aprendizagem em todos os aspectos dos programas da juventude, para medir progresso e impacto da integração dos jovens na cadeia de valor do café	Setor privado, organizações da sociedade civil, OIC/FTPPC, parceiros de desenvolvimento	Médio	Grande
	V.3 Engajar instituições acadêmicas e de pesquisa e parceiros de conhecimentos na coleta de dados específicos ao café sobre a participação dos jovens	Pesquisadores profissionais, setor privado, organizações da sociedade civil, parceiros de desenvolvimento	Longo	Grande

BIBLIOGRAFIA

Adaawen, Stephen, Christina Rademacher-Schulz, Benjamin Schraven, e Nadine Segadlo. 2019.

"Drought, migration, and conflict in sub-Saharan Africa: what are the links and policy options?" *Current Directions in Water Scarcity Research* 15-31.

Afande, F. O., W. N. Maina, e M. P. Maina. 2015.

"Youth Engagement in Agriculture in Kenya: Challenges and Prospects." *Journal of Culture, Society and Development* 4-19.

Anunu, C. 2015.

"Toward a Gender Inclusive Coffee Value Chain: a review and synthesis of relevant literature on gender equity in agriculture and supply chain development." *MPS international development*. Ithaca: Cornell University.

Archer, Christina, Verena Fischersworing, Joanna Furguele, e Jan von Enden. 2018.

Investing In Youth In Coffee Growing Communities A Review Of Current Programmes And Practices In Latin America. Hanns R. Neumann Stiftung, SAFE & Sustainable Food Lab.

Ayyagari, Meghana. 2016.

Access to Finance and Job Growth: Firm-Level Evidence Across Developing Countries. *Policy Research Working Paper*, no. 7604, Washington, DC: Banco Mundial.

Banco Mundial. 2015.

Ending Poverty and Hunger by 2030: An Agenda for the Global Food System. Washington, DC: The World Bank Group.

Banco Mundial. 2021.

Employment in services (% of total employment). *World Development indicator*, Washington, DC: The World Bank Group.

Banco Mundial. 2019.

Unemployment and vulnerable employment rate. *World Development Indicators*, Washington, DC: The World Bank Group.

Banco Mundial, FAO, e IFAD. 2009.

Gender in Agriculture. Washington, DC: The World Bank.

Bathrick, Ryan. 2015.

Access to Finance for Central American Coffee Farmers. Technoserve.

Bell, D. N., e Blanchflower D.G. 2011.

"Young people and the great recession." *Oxford Review of Economic Policy* 241-267.

Bezu, S., e S. Holden. 2014.

"Are Rural Youth in Ethiopia Abandoning Agriculture?" *World Development* 59-72.

Borrella, Inma, Carlos Mataix, e Ruth Carrasco-Gallego. 2015.

"Smallholder Farmers in the Speciality Coffee Industry: Opportunities, Constraints and the Businesses that are Making it Possible." *IDS Bulletin* 46 (3): 29-44.

Business Focus. 2021.

"Madam CEO' Quit Her Fat Job To Grow Jada Coffee Brand, Now Eyeing US Market." *Business Focus*, 4 maio.

CGIAR. 2016.

"The Power of Intercropping Banana and Coffee." *CGIAR Research Programme on Climate Change, Agriculture and Food Security*.

Chalina, Victoire, Valérie Golaz, e Claire Médard. 2015.

"Land titling in Uganda crowds out local farmers." *Journal of Eastern African Studies* 9 (4): 559-573.

Cheserek, J.J., e B.M. Gichimu. 2012.

"Drought and heat tolerance in coffee: a review." *International Research Journal of Agricultural Science and Soil Science* 2 (12): 498-501.

Data Bridge Market Research. 2021.

"Global Espresso Coffee Market – Industry trends and forecast to 2028." Pune.

Deichmann, Uwe, Aparajita Goyal, e Deepak Mishra. 2016.

"Will digital technologies transform agriculture in developing countries?" *Agricultural Economics* 21-33.

Dolislager, M., T. Reardon, A. Arslan, I. Fox, S. Liverpool-Tasie, C. Sauer, e D. L. Tschirley. 2020.

"Youth and Adult Agri-food System Employment in Developing Regions: Rural (Peri-urban to Hinterland) vs. urban." *Journal of Development Studies*.

Educate 2 Envision. 2021. 22 dezembro. Acessado em fevereiro 2022.

<https://www.educate2envision.org/coffee-communities>.

FAO e AUC. 2022.

Investment guidelines for youth in agrifood systems in Africa. Rome <https://doi.org/10.4060/cb9001en>

Fazio, Xavier. 2020.

Reorienting curriculum for the Anthropocene. Paris: UNESCO Futures of Education Ideas LAB.

Fleming, S. 2021.

The pandemic has damaged youth employment: Here's how we can help. WEF.

Fox, L., e U. Kaul. 2018.

The evidence is in. How Should Youth Employment Programmes in Low-Income Countries Be Designed? *Policy Research Working Paper* 8500, Washington, DC: Banco Mundial.

Fox, Louise, e Deon Filmer. 2014.

Youth Employment in Sub-Saharan Africa. Washington, DC: AFD; Banco Mundial.

Ghana Statistical Service. 2017.

Ghana Living Standard Survey (GLSS 7). Accra: Ghana Statistical Service - National Data Archive.

Giovannuccia, e Ponte. 2005.

"Standards as a new form of social contract? Sustainability initiatives in the coffee industry." *Food Policy* 284-301.

Green Climate Fund. 2019.

Sustainable Nationally Appropriate Mitigation Actions (NAMA) Coffee of Honduras. GCF Documentation, Incheon: Green Climate Fund.

Harelimana, A., G. Le Goff, D. T. Rukazambuga, e T. Hance. 2018.

"Coffee production systems: Evaluation of intercropping system in coffee plantations in Rwanda." *Journal of Agricultural Science* 17-28.

Headey, Derek D., e T. S. Jayne. 2014.

"Adaptation to land constraints: Is Africa different?" *Food Policy* 18-33.

Heide-Ottosen, Sif. 2014.

The ageing of rural populations: evidence on older farmers in low and middle-income countries. Londres: HelpAge International.

Hill, Ruth Vargas, e Marcella Vigneri. 2011.

"Mainstreaming gender sensitivity in cash crop market supply chains." *ESA Working Paper* No. 11-08 1-36.

HRNS. 2021. Team Up Uganda. 1 junho. Acessado em 2 março 2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=p3MkE9jaL-g&list=PLnYRO0D32HnRu3bcE5rfg1Ggx-HQkOID>.

Ily. 2015. Master's Degree in Coffee Economics and Science. Acessado em 1 outubro 2022.

http://unicaffe.illy.com/en/courses/higher-education/universita_del_caffe_master.

ILO News. 2016.

Youth unemployment challenge worsening in Africa. Abidjan: International Labour Office.

ILOSTAT. 2020.

Employment in agriculture (% of total employment) . Genebra: International Labour Office.

ILOSTAT. 2020.

International Labour Organization Database. Genebra: International Labour Office.

ILOSTAT. 2019.

Labour Force Participation Rates in Top Coffee-producing Countries by Region. Genebra: International Labour Office.

Jacobs Foundation. 2020.

Youth Development Project Uganda: Lessons learned. HRNS.

Jayne, T. S., e Milu Muyanga. 2012.

"Land constraints in Kenya's densely populated rural areas: implications for food policy and institutional reform." *Food Security* 399–421.

Jayne, T. S., Jordan Chamberlin, e Derek Headey. 2014.

"Land pressures, the evolution of farming systems, and development strategies in Africa: A synthesis." *Food Policy* 1-17.

Kaula, Francis Mutethya, Robert Arasa, and Susan Nzioki. 2019.

"The Influence Of Access To Credit On Small Scale Coffee Production In Kangundo Sub-County, Machakos County, Kenya." *International Journal of Economics, Commerce and Management* 309-324.

Kebaso, George. 2021.

Aging coffee farmers concerned about disinterest by young people on the crop. Nairobi: People Daily Digital.

Kimaro, P. J., N. N. Towo, e B. H. Moshi. 2015.

"Determinants of rural youth's participation in agricultural activities: the case of Kahe East Ward in Moshi Rural District, Tanzania." *International Journal of Economics, Commerce and Management* 23-33.

Kosec, Katrina, Hosaena Ghebru, Brian Holtemeyer, Valerie Mueller, e Emily Schmidt. 2017.

The Effect of Land Access on Youth Employment and Migration Decisions: Evidence from Rural Ethiopia. Washington, DC: Banco Mundial.

Lavazza Group. 2017.

A Cup of Learning. Acessado no dia 10 de janeiro de 2022. <https://www.lavazzagroup.com/en/how-we-work/the-communities.html>.

Lorenzen, Matthew. 2021.

"Rural gentrification, touristification, and displacement: Analysing evidence from Mexico." *Journal of Rural Studies* 62-75.

Lourenzani, Ana Elisa Bressan Smith, Kassia Watanabe, Giuliana Aparecida Santini Pigatto, e Mara Elena de Godoi Pereira. 2020.

"What fills your cup of coffee? The potential of Geographical Indication for family farmers' market access." *Coffee Consumption and Industry Strategies in Brazil* 149-165.

Lutheran World Relief. 2022.

Lutheran World Relief's Approach to Coffee. Baltimore, MD: Lutheran World Relief.

Mabiso, A., e R. Benfica. 2019.

The narrative on rural youth and economic opportunities in Africa: Facts, myths and BPAs. IFAD Research Series, Roma: IFAD.

McCullough, Ellen B. 2017.

"Labour productivity and employment BPAs in Sub-Saharan Africa." *Food Policy* 133-152.

Melke, Abayneh, e Masresha Fetene. 2014.

"Eco-physiological basis of drought stress in coffee (*Coffea arabica*, L.) in Ethiopia." *Theoretical and Experimental Plant Physiology* 225–239.

Metelerkamp, Luke, Scott Drimie, e Reinette Biggs. 2019.

"We're Ready, the System's Not – Youth Perspectives on Agricultural Careers in South Africa." *Agrekon* 154-179.

MIJARC; FAO; IFAD. 2012.

Facilitating access of rural youth to agricultural activities. Roma: FAO.

Minde, I., F. Terblanche, B. Bashaasha, C. Madakadze, J. Snyder, e A. Mugisha. 2015.

"Challenges for agricultural education and training (AET) institutions in preparing growing student populations for productive careers in the food system." *Journal of Agribusiness in Developing and Emerging Economies* 137-169.

Mulema, J., I. Mugambi, M. Kansime, H. T. Chan, M. Chimalizeni, T. X. Pham, and G. Oduor. 2021.

"Barriers and opportunities for the youth engagement in agribusiness: empirical evidence from Zambia and Vietnam." *Development in Practice* 1-17.

Nações Unidas. 2021.

Frontier Technology Issues: Frontier technologies for smallholder farmers: addressing information asymmetries and deficiencies. Nova Iorque: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, Análise Econômico.

Nações Unidas. 2022.

Divisão de Estatística das Nações Unidas. Publicações das Nações Unidas.

Nações Unidas. 2021. World Population Prospects 2021.

Data Booklet, Nova Iorque: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, Divisão de População.

National Bureau of Statistics. 2015.

National Panel Survey 2014-2015, Wave 4. Addis Ababa: National Bureau of Statistics.

National Institute of Statistics of Rwanda. 2017.

"Integrated Household Living Conditions Survey 5 (EICV 5)." Kigali.

Next Generation Coffee. 2022. Colômbia. Acessado 1 março 2022.

<https://www.nextgenerationcoffee.net/colombia>.

Njeru, L. K., e B. M. Gichimu. 2014.

"Influence of Access to Land and Finances on Kenyan Youth Participation in Agriculture: A Review." *International Journal of Development and Economic Sustainability* 1-8.

OCDE. 2018.

The Future of Rural Youth in Developing Countries Tapping the Potential of Local Value Chains, Development Center Studie. Paris: OECD Publishing.

OIC. 2019.

Relatório sobre o Desenvolvimento do Café 2019 "Crescer para prosperar: Viabilidade econômica como catalisador de um setor cafeeiro sustentável". ICO FR-01-19e, Organização Internacional do Café: Londres, Reino Unido

OIC 2019.

Relatório da OIC: Igualdade de gênero no setor cafeeiro. ICC-122-11, Organização Internacional do Café: Londres, Reino Unido

OIC. 2020.

Relatório sobre o Desenvolvimento do Café "O valor do café: Sustentabilidade, Inclusividade e Resiliência da Cadeia Global de Valor do Café". Organização Internacional do Café: Londres, Reino Unido

OIT. 2018. Ending child labour by 2025: A review of policies and programmes. Genebra: International Labour Office.

OIT. 2020. Global Employment Trends for Youth2020: Technology and the future of jobs. Genebra: International Labour Office.

OIT. 2021.

ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Seventh edition Updated estimates and analysis. Genebra: International Labour Office.

Ozmette, Emine. 2007.

"Effect of Gender on the Value Perception of the Young: A Case Analysis." *College Student Journal* 859-871.

Partington, Miriam. 2019.

Coffee in, mushrooms out: This urban farmer in Lisbon is turning waste into produce. 12 abril. Acessado fevereiro 2022. <https://startupguide.com/this-founder-grows-mushrooms-from-used-coffee-grounds>.

Routray, Jayant Kumar, e Maheswar Sahoo. 1995.

"Implications of land title for farm credit in Thailand." *Land Use Policy* 86-89.

Setiana, S M, and A Khaerani. 2020. "Information Technology for Coffee Industry." *IOP Conf. Ser. Mater. Sci. Eng.*

Tellman, Beth, L.C. Gray, and Bacon C.M. 2011.

"Not Fair Enough: Historic and Institutional Barriers to Fair Trade Coffee in El Salvador." *Journal of Latin American Geography* 107-128.

Tomchek, Michaela. 2021.

The Power of Youth in Coffee: An Inspiring Story from Huehuetenango. HRNS.

Uganda Bureau of Statistics. 2015.

"Uganda National Panel Survey." Kampala.

Umami Area. 2021.

"Andrej Godina."

UNESCO. 2021.

UIS Data Centre. UNESCO Institute for Statistics.

UNESCO. 2012.

Youth and Skills: Putting education to work. Paris: UNESCO.

—. 2020. "Policy Brief: The Impact of COVID-19 on Food Security and Nutrition." Junho. Acessado fevereiro 2022.

https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/sg_policy_brief_on_covid_impact_on_food_security.pdf.

Wambua, Daniel M., Samuel N. Ndirangu, Lucy K. Njeru, e Bernard M. Gichimu. 2019.

"Effects of recommended improved crop technologies and socio-economic factors on coffee profitability among smallholder farmers in Embu County, Kenya." *African Journal of Agricultural Research* 1957-1966.

White, Ben. 2020.

Agriculture and the Generation Problem. Halifax: Fernwood Publishing.

Woldenhanna, T., e Y. Tafere. 2014.

"Life in a Time of Food Price Volatility Study Year Two." *Institute of Development Studies* 1-31.

Yeboah, F. K., e T. S. Jayne. 2018.

"Africa's evolving employment trend." *Journal of Development Studies (Journal of Development Studies)* 803-832.

Yeboah, F. K., T. S. Jayne, M. Muyanga, e J. Chamberlin. 2019.

"The Intersection of Youth Access to Land, Migration and Employment Opportunities. Background paper for 2019 Rural Development Report, IFAD.

Youth.Gov. 2022.

"Positive Youth Development."

Zambrano, Hernández, e A. Miguel. 2020.

Exploring the History of Honduran Coffee Production. The Perfect Daily Grind.